



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES/PROFARTES



RAFAELA DOS SANTOS SILVA

**ARTE URBANA: UMA EXPERIÊNCIA ESTÉSICA NO PROCESSO DE  
ENSINO DE ARTES VISUAIS**

SÃO LUÍS - MA  
2025

RAFAELA DOS SANTOS SILVA

**ARTE URBANA: UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NO PROCESSO DE  
ENSINO DE ARTES VISUAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Artes (PROFARTES), da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de Mestra em Artes.

Linha de Pesquisa: Abordagens Teórico-Metodológicas das Práticas Docentes.

Orientador: Prof. Dr. Reinaldo Portal Domingo.

SÃO LUÍS - MA  
2025

RAFAELA DOS SANTOS SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Artes (PROFARTES) da Universidade Federal do Maranhão como requisito para obtenção do título de Mestra em Artes.

Linha de Pesquisa: Abordagens Teórico-Methodológicas das Práticas Docentes.

Orientador: Prof. Dr. Reinaldo Portal Domingo.

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Reinaldo Portal Domingo (Orientador)

Universidade Federal do Maranhão

---

Prof. Dr. José Almir Valente Costa Filho (Examinador Interno)

Instituto Federal do Maranhão

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Isabel Mota Costa (Examinadora Externa)

Universidade Federal do Maranhão

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elisene Castro (Suplente)

Universidade Federal do Maranhão

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a)  
autor(a). Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

SILVA, Rafaela dos Santos. ARTE URBANA: UMA  
EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NO PROCESSO DE ENSINO DE  
ARTES VISUAIS / Rafaela dos Santos Silva - 2005.

106 p.

Orientador (a): Reinaldo Portal Domingo.  
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Rede -  
Prof -artes em Rede Nacional /CCH, Universidade Federal do  
Maranhão, São Luís, 2025.

1. Arte Urbana. 2. Práticas de Ensino. 3. Artes Visuais. I. Domingo,  
Reinaldo Portal. II. Título.

A minha avó Raimunda Menezes da  
Silva (*In memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

A Deus, meu Senhor e Criador, dono de toda sabedoria e que nos chama para viver seu amor e cumprir seus propósitos.

A meus pais pela educação, por todos os esforços para que pudesse chegar ao Ensino Superior e por serem exemplos de resiliência, humildade e honestidade.

A meu esposo Enoque que é meu apoio, meu maior incentivador e por ter sido o primeiro a incentivar meu ingresso no Mestrado. Não poderia deixar de agradecer à minha filha Helena Rafaela que através da sua infância me ensina a ver a vida de uma forma mais simples e mais feliz. Educar Helena é educar a mim mesma.

Ao meu orientador, professor Doutor Reinaldo Portal Domingo, pela orientação, paciência e dedicação. Sua experiência foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho, além do incentivo à participação em eventos nacionais e internacionais que trouxeram a mim maturidade e desejo por aprofundar mais e mais as pesquisas no campo da Arte-Educação.

Aos professores Dr. Marco Aurélio, Dr. Pablo Petit, Me. Mônica Rodrigues, Dr. Almir Valente que trouxeram importantes discussões sobre arte-educação, formação estética dos sujeitos e sobre a importância da pesquisa, fazendo com que meu processo de amadurecimento enquanto professora de Arte fosse sendo aperfeiçoado a cada aula.

Agradeço aos meus amigos da turma 2023 do Mestrado PROFARTES/UFMA, que sempre contribuíram com minha formação nos debates em aulas, servindo de inspiração com suas lutas de vida. Elén Cristina, Kinha, Rafaela Cristina, Morgana, Markus Vinícius, Francisco Wesley, Franklin Bruno, Geovane, Waldineys, Domingos Nélio, Jamilson, Fagner, a vocês, meu sincero agradecimento pelo carinho, respeito e pela ajuda intelectual ao longo desta jornada.

À Universidade Federal do Maranhão por proporcionar um ambiente propício ao aprendizado e à pesquisa desde minha primeira graduação no curso de Educação Artística, no curso de Pedagogia, na especialização em Metodologia do Ensino Superior e agora no Mestrado Profissional em Artes. Gratidão por ser uma instituição inclusiva e produtora de conhecimento.

Por fim, agradeço aos colegas de trabalho da UEB Roseno de Jesus Mendes e da UEB 1º de Maio por todo apoio e incentivo na minha jornada profissional e acadêmica. Em especial à minha gestora Maria do Socorro Abreu por oportunizar esta pesquisa na escola, e às minhas coordenadoras pedagógicas Jaildmary Dias e Danielly Telles.

A todos minha eterna gratidão e carinho.

## RESUMO

Arte Urbana: uma experiência estética no processo de Ensino de Artes Visuais é o título desta pesquisa, que tem como tema o Ensino da Arte Urbana no contexto escolar e como objetivo geral analisar um processo de ensino em Artes Visuais sobre a Arte Urbana no contexto da Unidade de Ensino Básico 1º de Maio da Rede Pública Municipal de São Luís. A partir de observações, percebemos que os espaços públicos que cercam a escola são tomados por pichações, até mesmo nos muros da instituição, o que leva os estudantes a não terem um sentimento de pertencimento com o próprio lugar em que vivem. Entendemos que o Espaço Urbano tem sido ao longo da história palco das questões sociais, culturais e políticas das quais indivíduos das mais diversas realidades têm experimentado, seja a nível individual ou coletivo. Muitas produções artísticas têm revelado outro lado da sociedade, aquele em que os indivíduos precisam ser vistos para denunciar seus sofrimentos, medos e sonhos. Consideramos salutar o estudo do espaço urbano para o Ensino de Arte, pois através da criação artística os sujeitos conseguem através de uma Grafiteagem, de um Lambe-Lambe, de um Sticker desenvolver sua percepção estética e inserção sociocultural. Esta pesquisa buscou aporte teórico em Barret (2014), Bulhões (2019), Canton (2009), Gombrich (2015); Martins (2020), Silva (2014), Diniz (2022), Barbosa (2012), Ferraz e Fusari (2018); Ostrower (2014), Guerche (2014), Goldenberg (2004) e Bauer e Gaskell (2002). Buscou-se ainda o estudo em documentos como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), Base Nacional Comum Curricular (2019) e a Proposta Curricular da Rede Municipal de São Luís. A respeito da metodologia realizamos estudos bibliográficos em livros, artigos, dissertações, documentos legais; utilizamos questionários com 44 alunos do 9º ano da referida escola. A pesquisa adota uma abordagem quanti-qualitativa, de natureza aplicada e de caráter explicativo. Para análise e apresentação dos dados obtidos utilizamos gráficos e quadros. Ainda foi realizada observação e elaboração de um plano de trabalho sobre propostas de Intervenção Urbana, incluindo imagens que demonstraram todo este processo. Afirmou-se que através deste estudo os estudantes reconheceram o espaço público como possibilidade de refletir sobre o contexto social, político e cultural, bem como o fazer artístico. Que conheceram e valorizaram os artistas urbanos de São Luís e que foram protagonistas da ação artística através de intervenções urbanas.

**Palavras-Chave:** Arte Urbana; Práticas de Ensino; Artes Visuais.

## ABSTRACT

Urban Art: an aesthetic experience in the process of teaching visual arts is the title of this research, which has as its theme the teaching of urban art in the school context and as its general objective to analyze a teaching process in visual arts about urban art in the context of the 1º de Maio Elementary School of the São Luís Municipal Public School System. Based on observations, we realized that the public spaces surrounding the school are taken over by graffiti, even on the walls of the institution, which leads students to not have a sense of belonging to the place where they live. We understand that the urban space has been, throughout history, the stage for social, cultural and political issues that individuals from the most diverse realities have experienced, whether individually or collectively. Many artistic productions have revealed another side of society, one in which individuals need to be seen to denounce their suffering, fears and dreams. We consider the study of urban space to be beneficial for Art Education, because through artistic creation, subjects can develop their aesthetic perception and sociocultural insertion through graffiti, posters, and stickers. This research sought theoretical support in Barret (2014), Bulhões (2019), Canton (2009), Gombrich (2015); Martins (2020), Silva (2014), Diniz (2022), Barbosa (2012), Ferraz and Fusari (2018); Ostrower (2014), Guerche (2014), Goldenberg (2004), and Bauer and Gaskell (2002). We also sought to study documents such as the Law of Guidelines and Bases of National Education No. 9394/96, the National Curricular Parameters (1997), the Common National Curricular Base (2019) and the Curricular Proposal of the Municipal Network of São Luís. Regarding the methodology, we carried out bibliographic studies in books, articles, dissertations, and legal documents; we used questionnaires with 44 9th grade students from the aforementioned school. The research adopts a quantitative-qualitative approach, of an applied nature and of an explanatory nature. To analyze and present the data obtained, we used graphs and tables. We also carried out observation and preparation of a work plan on Urban Intervention proposals, including images that demonstrated this entire process. It was stated that through this study, the students recognized public space as a possibility to reflect on the social, political and cultural context, as well as artistic practice. That they knew and valued the urban artists of São Luís and that they were protagonists of artistic action through urban interventions.

**Keywords:** Urban Art; Teaching Practices; Visual Arts.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	<i>A Fonte</i> (1917), Marcel Duchamp.....	21
Figura 2 -	Natura morta con lettere 1914, Georges Braque.....	22
Figura 3 -	Latas de sopa Campbell, 1962, Andy Warhol.....	23
Figura 4 -	O Díptico Marilyn, 1962, Andy Warhol.....	24
Figura 5 -	Nildo da Mangueira em HO, filme de Ivan Cardoso (Rio de Janeiro, 1979) – fotografia de Eduardo Viveiros de Castro.....	26
Figura 6 -	Invertebrado, 1960, Lygia Clark.....	27
Figura 7 -	Cabeza, 1982, Jean-Michel Basquiat.....	34
Figura 8 -	<i>Sem título</i> , 1982, Keith Haring. Esmalte cozido sobre metal, 109,2 × 109,2 cm	35
Figura 9 -	Ballon Girl.....	36
Figura 10 -	El levantamento, 1931, Diego Riviera.....	37
Figura 11 -	Fachada do hotel Jaraguá, Rua Martins Fontes em São Paulo, Brasil, com mural feito por Di Cavalcanti.....	38
Figura 12 -	Alex Vaullari grafitando o estúdio do fotógrafo Sérgio Valle Duarte, 1980.....	39
Figura 13 -	Grafite na Lituânia, Os Gêmeos.....	41
Figura 14 -	O Mundo do Pescador de Sonhos, Edi Bruzaca.....	42
Figura 15 -	Grafite de Romildo Rocha.....	43
Figura 16 -	Cardume de peixe, Cardume de gente do Coletivo Linhas.....	45
Figura 17 -	Mina que lambe, Silvana Mendes.....	45
Figura 18 -	Lambe de Gê Viana.....	45
Figura 19 -	Quadro demonstrativo da BNCC área de conhecimento Arte.....	58
Figura 20 -	Imagem que inicia o capítulo Arte e espaços urbanos do Livro de Arte Telláris.....	61
Figura 21 -	Imagem que inicia o capítulo Arte e espaço público do Livro de Arte Telláris.....	62
Figura 22 -	Edi Bruzaca ministrando oficina.....	76
Figura 23 -	Demonstração do uso de tinta spray.....	76
Figura 24 -	Edi Bruzaca com alunos do 9º ano.....	77
Figura 25 -	Alunos trabalhando direção de linhas na parede.....	78
Figura 26 -	Alunos trabalhando pintura com formas geométricas.....	79

Figura 27 -	Aluna traçando linhas com tinta spray.....	80
Figura 28 -	Alunos preenchendo desenhos.....	82
Figura 29 -	Aluno realizando contorno nas figuras.....	82
Figura 30 -	Alunos dialogando sobre etapas da produção do Graffiti.....	83
Figura 31 -	Alunas experimentando a técnica de Stencil.....	83
Figura 32 -	Grupo de alunos observando resultado de alguns painéis.....	84
Figura 33 -	Grupo de alunos com a pesquisadora.....	85
Figura 34 -	Fotografia com parte dos alunos participantes.....	86

## **GRÁFICOS**

Gráfico 1 -	Nível de Conhecimento em Arte.....	68
Gráfico 2 -	Espaços em que podemos encontrar Arte.....	68
Gráfico 3 -	Conhece algum artista de rua?.....	69
Gráfico 4 -	Participação em atividades artísticas.....	70
Gráfico 5 -	Local em que é desenvolvida a Arte Urbana.....	71
Gráfico 6 -	Onde a Arte Urbana é mais comum?.....	71
Gráfico 7 -	Você já viu algum Graffiti?.....	72

## **QUADROS**

Quadro 1 -	Diferença entre Pichação e Grafitegem.....	72
Quadro 2-	Sequência Didática das Oficinas de Grafite para alunos do 9º ano.	74

## **LISTA DE SIGLAS**

PROFARTES - Programa de Formação em Rede Nacional Artes

UEB - Unidade de Educação Básica

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

DAC - Departamento de Assuntos Estudantis

SESC - Serviço Social do Comércio

PNLD - Programa Nacional de Livro Didático

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1 O QUE A ARTE CONTEMPORÂNEA NOS REVELA</b> .....	19
<b>1.1 Do Moderno ao Contemporâneo</b> .....	19
<b>1.2 O retrato do contemporâneo no Maranhão</b> .....	28
<b>1.3 Conceitos e definições sobre Arte Urbana</b> .....	30
<b>1.4 O cenário Urbano atual</b> .....	33
1.4.1 A Arte Urbana pelo mundo.....	34
1.4.2 O Urbano no Brasil.....	38
1.4.3 Um olhar sobre a Arte Urbana em São Luís.....	42
<b>2. O PROCESSO ESTÉTICO NO ENSINO DE ARTE NAS ESCOLAS</b> .....	48
<b>2.1 Por que Arte Educação?</b> .....	48
<b>2.2 Da Cultura Visual à Abordagem Triangular</b> .....	52
<b>2.3 A Arte pelo viés dos documentos legais</b> .....	56
<b>2.4 A integração da Arte Urbana no Currículo Escolar</b> .....	60
<b>3 EXPLORANDO A ESTÉTICA URBANA: UMA METODOLOGIA DE ENSINO EM ARTES VISUAIS</b> .....	65
<b>3.1 Abordagem da Pesquisa</b> .....	66
<b>3.2 Análise de Resultados</b> .....	67
<b>3.3 Processos de Criação</b> .....	73
<b>3.4 Expectativas e Resultados</b> .....	88
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	90
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	95
<b>APÊNDICES</b> .....	99
<b>ANEXOS</b> .....	104

## INTRODUÇÃO

O espaço escolar traduz a identidade dos sujeitos que nela estão inseridos e cada local tem características que o tornam ímpar. Entretanto, o contexto social que a escola se encontra também revela como este espaço vê e se articula com o que está em seu entorno. Este olhar interage com as áreas de conhecimento que são trabalhadas com os estudantes, pois a educação possui um caráter social que visa tornar o sujeito crítico e canal de transformação para a sociedade.

A partir de nossa experiência enquanto docente da Rede Pública Municipal de São Luís trabalhando com a disciplina Arte, temos percebido algumas situações que trazem inquietações sobre como desenvolver uma prática docente que envolva melhor os alunos, considerando o meio social que estão inseridos.

Um desses questionamentos faz referência à relação dos estudantes com o bairro em que vivem. Uma das escolas em que trabalhamos fica localizada em uma área de periferia dominada pelo tráfico de drogas, o que acarreta inúmeros problemas aos alunos e ao corpo escolar, seja de ordem direta ou indireta.

Ao trabalhar em sala de aula sobre a temática Arte Urbana, observamos durante o levantamento de conhecimentos prévios que os alunos não percebiam em seu bairro nenhum exemplo deste tipo de arte. Antes, citam que observam nos muros das casas, comércios e até mesmo no muro da escola, inscrições que possuem características de pichações (a maioria ligada a facções). Ou seja, eles não sentem que o espaço urbano a qual eles estão inseridos seja ocupado por eles, uma vez que impera a ordem dos que se intitulam “donos da comunidade”.

Em contrapartida percebemos que no interior da escola, especificamente nas salas de aula (carteiras, paredes), nos banheiros e outros espaços, os alunos fazem diversos tipos de inscrições textuais e visuais, o que nos leva a inferir que eles necessitam de um espaço de apropriação para revelarem seus pensamentos, sonhos e medos.

Vale ressaltar que esta prática também agride o espaço escolar, uma vez que é feita sem nenhum tipo de orientação pedagógica e que, portanto, deve ser discutida em sala de aula para que os estudantes percebam a importância do cuidado com o patrimônio escolar bem como a diferença entre vandalismo e ação artística.

Por isso, investigar a problemática da Arte Urbana foi o caminho necessário para buscar os direcionamentos teóricos que trazem reflexões a respeito da temática

abordada, o que corroborou para a formação no Mestrado. E foi através do Programa de Formação em Rede Nacional em Artes (PROFARTES) em sua Linha de Pesquisa “Abordagens Teórico-Methodológicas das Práticas Docentes”, sob a orientação do Professor Doutor Reinaldo Portal Domingo, que pudemos então iniciar todo este processo de ação-reflexão.

A linha de pesquisa “Abordagens Teórico-Methodológicas das Práticas Docentes” investiga os fundamentos pedagógicos e as metodologias utilizadas para ensinar Arte nos diversos níveis de ensino. Considerando que a Arte é uma disciplina que envolve percepção, sensibilidade e expressão, é essencial compreender como as teorias educacionais, como o construtivismo, a pedagogia crítica e o sociointeracionismo, influenciam as práticas dos professores. Além disso, a Linha de Pesquisa analisa como diferentes metodologias, como a experimentação artística, a mediação cultural e o uso de tecnologias digitais, podem potencializar a aprendizagem e tornar o ensino mais dinâmico e significativo para os estudantes.

Nesse contexto, nossa pesquisa debruçou-se sobre os desafios da docência em Arte, como a valorização da disciplina no currículo escolar, a formação dos professores e a necessidade de abordagens interdisciplinares. O ensino de Arte requer estratégias que permitam aos alunos desenvolverem sua criatividade e pensamento crítico, seja por meio da apreciação, da análise ou da produção artística. Assim, investigar as abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes nesse campo contribui para a construção de metodologias mais inovadoras e eficazes, promovendo um ensino de Arte que dialogue com as novas demandas da contemporaneidade.

Dessa forma, observando a necessidade educacional de nossos alunos, decidimos desenvolver a pesquisa na Unidade de Educação Básica (UEB) 1º de Maio, localizada no bairro Santa Efigênia. Esta escola atende alunos do Ensino Fundamental Séries Finais. É uma das poucas unidades de ensino que atende o bairro e outras localidades vizinhas, possuindo um público carente e que tem um contato constante com o tráfico de drogas e violência de todos os tipos.

Percebendo o contexto em que a escola está envolvida, entendemos que é necessário que se trabalhe a Arte para além dos conhecimentos apresentados em sala de aula, considerando a situação social em que estes alunos se encontram. Além disso, nesta comunidade escolar que fora apresentada temos observado que o espaço público (praças, ruas etc.) que a rodeia não é utilizado como forma de expressão artística tornando-se espaços mal utilizados, servindo como lixões e sendo depredados por

vândalos. Outra experiência que nos fez atentar para o ensino da Arte Urbana, foi durante um Curso de Formação que trazia esta abordagem e nos fez ver que era possível trabalhar no ambiente escolar mesmo com poucos recursos diferentes formas de expressão urbana.

Dessa forma, a partir do contexto que fora apresentado apresentamos como **problema científico da pesquisa**: De que forma a Arte Urbana pode ser usada como meio de apropriação e ocupação do espaço público mediante um processo metodológico? Sendo o **objeto de pesquisa**: o Estudo da Arte Urbana no contexto escolar.

Com isso, é necessário estabelecermos os objetivos a que se pretende alcançar a pesquisa em questão. Por isso, como **Objetivo Geral** visamos: Analisar um processo de ensino em Artes Visuais sobre a Arte Urbana no contexto da Unidade de Ensino Básico 1º de Maio da Rede Pública Municipal de São Luís.

A respeito dos **Objetivos Específicos** destacamos:

1- Realizar estudos bibliográficos sobre o processo de construção da Arte Contemporânea e sua relação com a Arte Urbana, buscando compreender sua importância sociopolítica e artística.

2 - Perceber como o espaço urbano ao redor da escola é ocupado tanto pela comunidade local quanto pela escolar, estabelecendo um diálogo sobre sua ação sociocultural e política.

3 - Refletir sobre a Arte Urbana no contexto do espaço escolar propondo uma análise a partir do trabalho de artistas maranhenses.

4 – Experimentar diferentes técnicas em Arte Visuais trabalhadas na Arte Urbana, observando as várias possibilidades do fazer artístico.

Como elemento norteador de nossa pesquisa apresentamos as seguintes **perguntas científicas**:

- Quais teóricos abordam a temática sobre Arte Urbana e seu desenvolvimento histórico?
- De que forma o Espaço Urbano em torno da UEB 1º de Maio é ocupado tanto pela comunidade local quanto pela escola?
- Que intervenções poderiam ser feitas nas práticas do trabalho escolar, a fim de que os próprios alunos sejam os protagonistas da ação artística?
- Quais artistas maranhenses promovem a ação artística no Espaço Urbano?

Sendo assim, entendemos que o Espaço Urbano tem sido ao longo da história palco das questões sociais, culturais e políticas das quais indivíduos das mais diversas realidades têm experimentado, seja a nível individual ou coletivo.

Além das fontes históricas, a própria História da Arte nos mostra diferentes formas de representação urbana em suas linguagens. Pinturas de paisagens, movimentos de protestos, esculturas, arquitetura, murais, entre outros têm sido algumas dessas expressões. Entretanto, muitas produções artísticas têm revelado outro lado da sociedade, aquele em que os indivíduos precisam ser vistos para denunciar seus sofrimentos, medos e sonhos.

Dessa forma, ratificamos a importância do estudo do espaço público para o Ensino de Arte, pois através da criação artística os sujeitos conseguem por meio de uma Grafiteagem, de um Lambe-Lambe, de um Sticker, por exemplo, apropriar-se dos conhecimentos transmitidos através deles. Tornando assim a arte mais próxima destes indivíduos.

Esta temática já vem sendo abordada ao longo dos anos em diferentes lugares do Brasil e em outros países, e de acordo com nossas leituras ela tem sido recebida de forma satisfatória tanto pela comunidade local, quanto pelo público externo. Além de fazer parte também de exposições, bienais e documentários.

Entretanto, percebemos uma dificuldade em desenvolver este assunto em nossa cidade a partir do olhar da escola, pois ainda existem muitos problemas que talvez possam barrar a execução dos trabalhos externos: autorização da gestão escolar, aceitação da comunidade, construção de materiais adequados às práticas artísticas (considerando o pequeno poder aquisitivo dos alunos) etc. E que na Pedagogia Contemporânea é amplamente trabalhado e discutido o tema de “Escola-Família-Comunidade”, importante tripé na formação da nova geração, no qual a Arte possui um papel fundamental.

Assim, para o desenvolvimento da pesquisa proposta foi necessário estabelecer os meios necessários para a efetivação do que for analisado (tema, sujeitos da pesquisa, análise de dados). Com isso, consideramos que esta pesquisa apresentou uma **abordagem quanti-qualitativa, de natureza aplicada** e sobre os objetivos foi tida como **explicativa**.

Por sua **abordagem quanti-qualitativa** observou-se um processo de análise e reflexão de uma realidade social relacionando-a com os dados obtidos através de

**instrumentos de coleta de dados**, que foram os **questionários** trabalhados com 44 alunos do 9º ano. Dados estes, que foram **analisados em quadros e gráficos**.

A respeito dos **procedimentos utilizamos a pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo no ambiente escolar, observação e elaboração de um plano de trabalho sobre as propostas de Intervenção Urbana** no espaço escolar a partir das diferentes técnicas de Artes Visuais, que a pesquisadora desenvolveu em conjunto com o artista convidado e com os estudantes.

Sobre o aspecto da fundamentação teórica, apoiamos nosso estudo em estudiosos das áreas de História da Arte considerando neste contexto a Arte Contemporânea e Arte Urbana. Citamos assim, os estudos de Barret (2014), Bulhões (2019), Canton (2009), Gombrich (2015). Investigamos também o aporte teórico sobre Metodologia do Ensino de Arte e as leis educacionais brasileiras que regem este componente curricular, assim, destacamos estudos de Barbosa (2012), Brasil (2018), Ferraz e Fusari (2018); LDB (2020) , São Luís (2023), Ostrower (2014), Guerche (2014), Silva (2014). A respeito do encaminhamento metodológico, apoiamos nossa pesquisa nos de Bauer e Gaskell (2002), Goldenberg (2004).

Torna-se necessário também fazermos uma breve explicação sobre o termo *estésica* presente no título “Arte Urbana: uma experiência estésica no processo de ensino de Artes Visuais”. O termo "estésica" deriva de "estesia", que está relacionado à sensibilidade e à percepção estética do sujeito diante da arte e do mundo ao seu redor. O conceito remete à experiência sensorial e emocional que ocorre no contato com uma obra artística, indo além da simples contemplação para envolver uma vivência ativa e subjetiva.

A palavra "estesia" tem origem no grego "aisthesis", que significa percepção sensível. O filósofo Jacques Rancière (2012), em sua obra O Destino das Imagens, trabalha com essa noção ao discutir o regime estético da arte, onde a experiência sensível desempenha um papel central na compreensão e fruição das obras. Ele argumenta que a arte não se restringe a sua forma ou técnica, mas está ligada à maneira como afeta o espectador e reorganiza sua percepção do real. A expressão enfatiza que o ensino da Arte Urbana não se limita à teoria ou técnica, mas envolve um contato sensorial e vivencial dos estudantes com a arte, promovendo uma percepção mais ampla e subjetiva do espaço urbano e das manifestações visuais nele inseridas.

Dessa forma, este trabalho foi organizado em Introdução e 3 capítulos que nos trouxeram os conhecimentos e experiências para a reflexão sobre a apropriação estética

a partir do espaço urbano. Sendo assim, o capítulo 1 que se intitula “*O QUE A ARTE CONTEMPORÂNEA NOS REVELA*” abordou sobre a história da Arte Contemporânea que é caracterizada por uma ampla gama de movimentos, estilos, técnicas e ideias. Exploramos neste panorama conceitos sobre espaço urbano, Arte Urbana apresentando o cenário atual da Arte Urbana em outros países, no Brasil e em São Luís.

No capítulo 2 discorreremos sobre “*O PROCESSO ESTÉTICO NO ENSINO DE ARTE NAS ESCOLAS*” discutimos sobre o papel da Arte no ambiente escolar, de que forma a Abordagem Triangular proposta por Ana Mae Barbosa orienta o processo estético dos indivíduos, além dos preceitos legais que regem o Ensino de Arte como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) Nº 9394/96, da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e da Proposta Curricular do Município de São Luís. Abordarmos a respeito da concepção sobre Arte Urbana na escola e como os atores educacionais se relacionam com o espaço público. Buscamos trazer o diálogo sobre a desconstrução de ideias preconceituosas acerca do *graffiti* e de outras manifestações artísticas urbanas. E como a escola pode atuar nesse processo de conscientização e de valorização da Arte Urbana.

“*EXPLORANDO A ESTÉTICA URBANA: UMA METODOLOGIA DE ENSINO EM ARTES VISUAIS*”, intitula o 3º capítulo, e trouxe todo o processo metodológico da pesquisa apresentado os sujeitos da pesquisa, o contexto da escola envolvida na pesquisa, os processos de criação, os dados obtidos através dos questionários e entrevistas, e por fim, as expectativas e resultados decorrentes de todo processo investigativo.

Finalizamos este trabalho de pesquisa apresentando as **Considerações Finais** elencando os objetivos alcançados e as contribuições que a pesquisa pode trazer para o estudo sobre a Arte Urbana no espaço escolar. Trouxemos ainda as Referências Bibliográficas trabalhadas, os Apêndices e Anexos.

## 1 O QUE A ARTE CONTEMPORÂNEA NOS REVELA

*“A arte não consiste mais em um objeto para você olhar, achar bonito, mas para uma preparação para a vida.” (Lygia Clark)*

A Arte desempenha um papel crucial na sociedade, atuando como um meio de expressão, reflexão e transformação. Desde os primórdios da humanidade a Arte tem sido uma forma essencial de comunicação e registro histórico, refletindo as culturas, crenças e eventos de diferentes épocas. Ela transcende as barreiras linguísticas e culturais, proporcionando uma linguagem universal que conecta pessoas de diversas origens. Além disso, ela tem o poder de desafiar perspectivas, provocar debates e estimular mudanças, sendo frequentemente utilizada para abordar questões políticas e sociais contemporâneas.

Foi a partir da necessidade de comunicação que o homem passou a perceber a Arte em todas suas ações. Antes de se pensar no belo havia a necessidade de apropriar-se da imagem para um objetivo final (Gombrich, 2015). Entretanto, não descartamos a importância de experiências estéticas que apontam para a beleza, entretanto, buscamos refletir sobre a intenção do fazer artístico e de que forma ele impacta nossas relações humanas. Pensando nisso, passaremos a abordar nas próximas sessões o aspecto histórico que permeia o desenvolvimento da Arte Contemporânea, para que possamos compreender sua conexão com a Arte Urbana.

### 1.1 Do Moderno ao Contemporâneo

As mudanças trazidas pela Revolução Industrial, que provocaram transformações no modo de produção, tornando as grandes cidades os pontos principais de trabalho e de outras atividades, foram um fator primordial para transformações no meio artístico. Neste contexto surge uma nova classe social que é sustentada pelo sistema fabril e que buscava afirmação cultural. “Essa nova classe social necessitava de uma nova forma de arte para se legitimar culturalmente” (Canton, 2009, p. 17).

Assim, surgem artistas que já não se contentam com a Academia Clássica e acabam buscando outras formas de produção de arte, incorporando novas técnicas,

materiais, refletindo assim, sobre este homem do início do século XX, que revela todos os medos, angústias que as mudanças provocaram em cada indivíduo. Começa-se a indagar o lugar da arte, do artista e quem é o consumidor desta arte. A respeito disso, Gombrich (2015, p 557) afirma que “[...] a arte moderna, não menos que a arte antiga, surgiu em resposta a certos problemas bem definidos”.

Neste contexto, começam a nascer movimentos que são apontados como vanguardistas, termo que vem “do francês *avant-garde*, que significa à frente da guarda” (Canton, 2009, p. 18). Ou seja, um termo militar traz a mensagem de guerra, luta, o que foi evidenciado pelos *ismos*, a saber: Expressionismo, Fauvismo, Futurismo, Dadaísmo.

Assim, os artistas passaram a explorar outras formas de expressão e técnicas artísticas, ampliando os limites da produção tradicional. A Fotografia, que surge por volta de 1820, revolucionou a maneira de capturar a realidade e influenciou profundamente a arte, abrindo caminho para novas experimentações visuais. Além disso, surgiram técnicas inovadoras como os ready-mades (1913), popularizados por Marcel Duchamp, que ressignificavam objetos do cotidiano como obras de arte. De acordo com a Enciclopédia do Itáu Cultural, *o ready-made* é um,

termo criado por Marcel Duchamp (1887-1968) para designar um tipo de objeto, por ele inventado, que consiste em um ou mais artigos de uso cotidiano, produzidos em massa, selecionados sem critérios estéticos e expostos como obras de arte em espaços especializados (museus e galerias). Ao transformar qualquer objeto em obra de arte, o artista realiza uma crítica radical ao sistema da arte. Assim, objetos utilitários sem nenhum valor estético em si são retirados de seus contextos originais e elevados à condição de obra de arte simplesmente ao ganhar uma assinatura e um espaço em exposições (Ready-Made, 2015).

A respeito do *papier collé* (1913), que era uma variação da colagem introduzida por Georges Braque e Pablo Picasso no Cubismo, pode-se afirmar que,

é uma forma específica de colagem que está mais perto da pintura do que do desenho. O pintor cubista Georges Braque usou a técnica, pela primeira vez, ao substituir a pintura de imitação de madeira pela colagem de um pedaço de papel, que imitava o padrão da madeira (Papier Collé, 2012).

Enquanto que a *assemblagem* (1957 por Jean Dubuffe), que combinava diferentes materiais e objetos tridimensionais para criar composições artísticas únicas, origina-se do francês e significa montagem. Destaca-se que “o termo *assemblage* [...] refere-se a uma técnica que consiste na justaposição ou colagem de objetos variados que, ao serem combinados, criam diferentes formas e significados” (Assemblage, 2022).

Essas inovações demonstram como os artistas buscaram romper com os paradigmas acadêmicos, expandindo as possibilidades da arte e desafiando as definições tradicionais do que poderia ser considerado artístico. Refletindo assim, o novo pensar dos artistas modernistas a respeito do processo de experimentação artística.

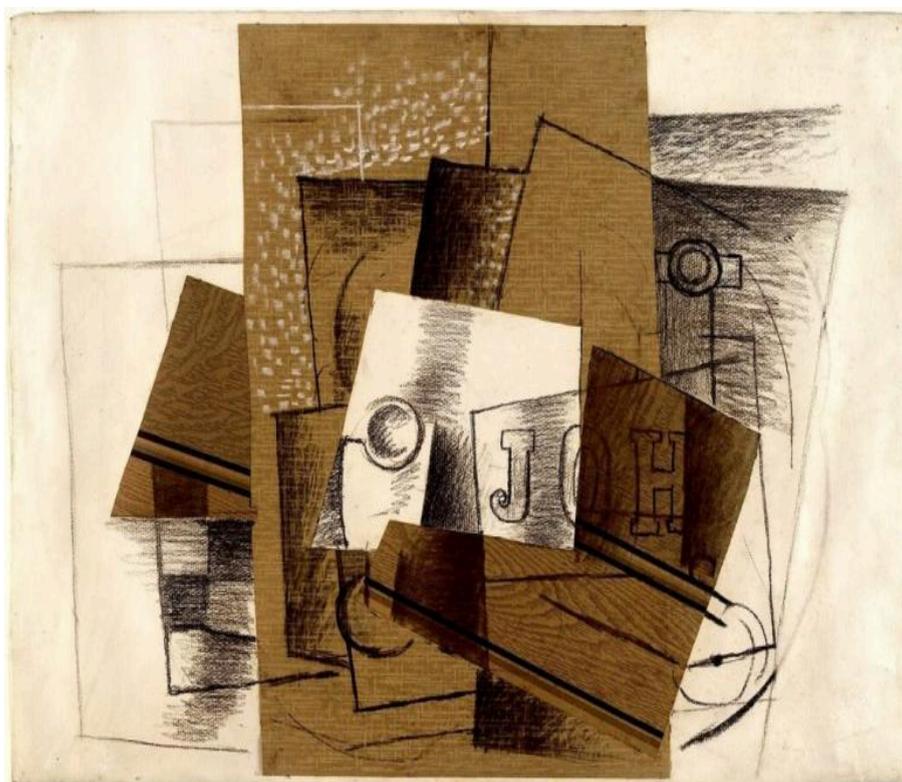
As produções artísticas dos movimentos vanguardistas revelam a desconstrução de uma arte imitativa e contemplativa. Agora o novo, o diferente e o excêntrico passam a promover uma arte de questionamento e de posicionamento político-social dos artistas, e que chocou boa parte dos críticos da época, como podemos observar nas imagens a seguir.

**Figura 1- *A Fonte* (1917), Marcel Duchamp**



Fonte: <https://cultivacultura.jimdofree.com>

Figura 2: Natura morta con lettere 1914, Georges Braque.



Fonte: <https://paolareghenzi.it/storia-dellarte/georges-braque/#gref>

As obras apresentadas nos mostram a diversidade do olhar que os artistas possuíam neste período da primeira metade do século XX, trazendo diferentes percepções. O uso de objetos fabricados industrialmente (Archer, 2001) como o urinol de Duchamp (Figura 1) passam a ser inseridos nos espaços artísticos como uma possibilidade de intervenção estética. A liberdade na escolha de materiais, a combinação de técnicas (Figura 2) e composições revelam um caráter de desconstrução da arte clássica, mas não seu fim. A representação do real concede oportunidade de aproximar a arte das pessoas. Entretanto, como a humanidade vive em constante processo de transformação, o Modernismo começa a abrir caminho para outro período, a Arte Contemporânea.

Com o passar do tempo, a arte moderna, que buscava sobretudo a experimentação, sofre um desgaste. Ela se torna tão experimental que acaba por afastar-se do público, que passa a achar suas manifestações ora estranhas, ora inquietas e de difícil compreensão (Canton, 2009, p. 49).

A partir da segunda metade do século XX, por volta de 1950, momento em que a humanidade tentava se reerguer após os horrores da II Guerra Mundial (Rosa; Rosa, 2015), o processo de intervenção dos meios de comunicação da indústria cultural

iniciou uma mudança de comportamento consumista dos indivíduos. Ícones do cinema, música, gamers, quadrinhos passaram a ditar a norma de compra o que foi profundamente criticado pelo movimento da Pop Art (Bulhões, 2019).

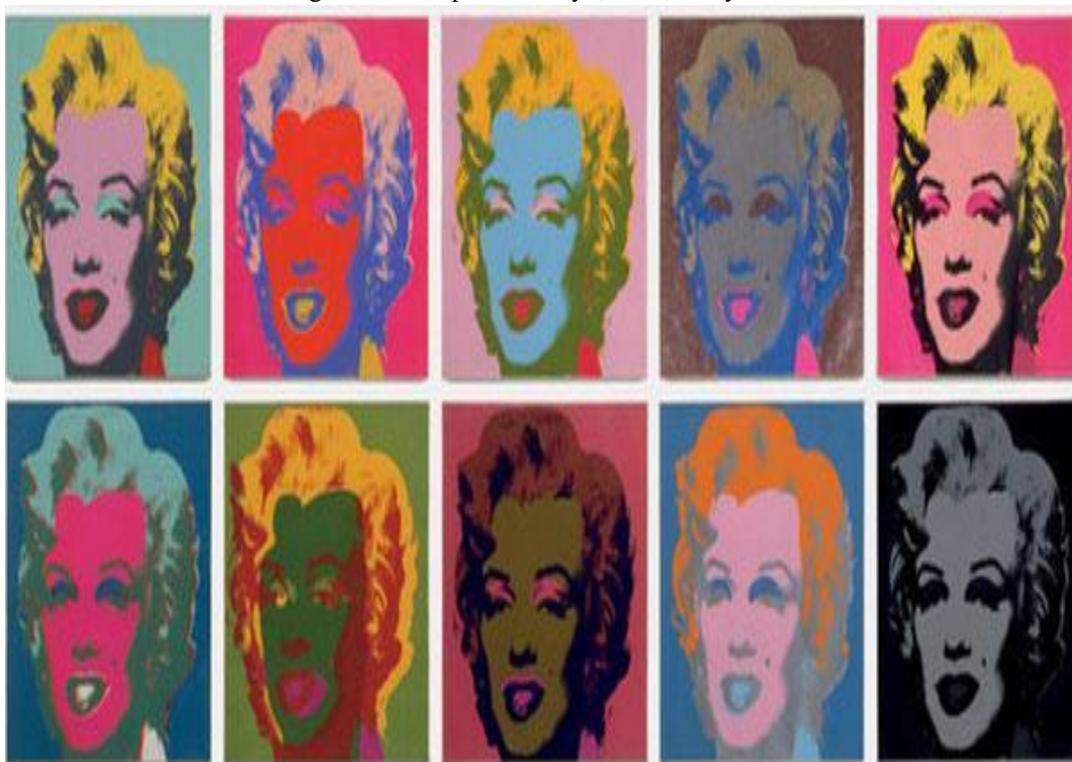
A partir de suas produções Andy Warhol (conforme as figuras 3 e 4 nos mostram) buscou transpor os ideais dos movimentos modernistas fazendo com que esta ideia do consumo impulsivo, massificador e descontrolado passe a ser representado em imagens como forma de crítica ao comportamento social.

Figura 3: Latas de sopa Campbell, 1962, Andy Warhol



Fonte: <https://cultivacultura.jimdofree.com>

Figura 4 - O Díptico Marilyn, 1962, Andy Warhol



Fonte: <https://cultivacultura.jimdofree.com>

Dessa forma, a Arte Contemporânea começa a ganhar espaço e a ampliar os espaços de produção artística. Como a filósofa e artista Cauquelin (2005) afirma a Arte Contemporânea não pode ser entendida a partir de um tempo determinado para existir, da obra, da ideia do artista, do momento da criação, mas de outros fatores que estão envolvidos neste processo, como o sistema de comunicação, o mercado da arte, críticos e curadores, galerias e museus e o consumo, por exemplo, que são questões que trazem reflexões vivenciadas pela sociedade em diferentes momentos.

A Arte Contemporânea traz uma nova concepção que busca dar espaço à pluralidade, criando formas de produções artísticas que insiram os mais diferentes sujeitos e espaços de estética abrangendo as diversas linguagens artísticas. Podemos assim, considerar que a Arte Contemporânea é uma arte de afirmação e de provocação.

A possibilidade de criação artística que envolva aspectos até antes não explorados de forma a despertar a criticidade do público, começa assim a ganhar destaque como bem expressa a arte-educadora Martins (2020, p.18),

[...] o corpo, a política, a sexualidade, a ecologia, a religião e as imagens geradas na mídia, etc. e são constantemente emolduradas pela instalação, o vídeo arte, a fotografia, o objeto arte, o happening, a arte postal, a land art, a web art, livro de artista, a performance e os sempre renovados e incorporados na contemporaneidade: desenho, pintura e gravura (Martins, 2020, p.18),

Ademais, aquela arte que antes ocupava os museus e galerias de arte passa a explorar lugares que possam também estar ao alcance dos indivíduos de forma mais rápida e intencional, como é o caso dos espaços públicos (ruas, avenidas, praças e seus elementos constituintes). Promovendo também ações que envolvem diversos artistas, mediadores, em exposições de bienais, feiras culturais que ocorrem em diferentes partes do mundo.

Destacamos, que a autonomia artística também é uma forte manifestação dentro do contemporâneo, o que corrobora com a importância que se dá ao processo criativo (Bulhões, 2019). Por vezes, não é necessário que haja um produto final, mas a abertura a novas percepções que podem desenvolver-se em outras produções artísticas, o que pode ocorrer por meio de palavras, frases, objetos, lugares, movimentos etc. A liberdade na criação é algo inerente ao contemporâneo.

Quando abordamos sobre a Arte Contemporânea no Brasil, destacamos que esta inicia sua prospecção ao mesmo tempo em que ocorria nos Estados Unidos e na Europa. Mas diferencia-se em não possuir “uma forte presença social, nem um sólido mercado, e carece de instituições consolidadas que apoiem os artistas” (Bulhões, 2019, p. 6).

Neste contexto, alguns artistas brasileiros ganharam destaque até internacional, por conta de suas produções ousadas e que faziam uso de objetos comuns de uso cotidiano. Esses artistas são exatamente *Hélio Oiticica*, e seus famosos *parangolés*<sup>1</sup>, *Lygia Pape*, com performances<sup>2</sup>, e *Lygia Clark*<sup>3</sup> com as proposições.

Observando exemplos de algumas obras destes artistas (figuras 5 e 6), destacamos a ousadia e a liberdade da incorporação da arte com o sujeito que com ela interage, permitindo assim diferentes sensações e experiências.

---

<sup>1</sup> Os *Parangolés* são capas, faixas e bandeiras construídas com tecidos e plásticos, às vezes com frases políticas ou poéticas. Ao vestir, correr ou dançar com um *Parangolé*, a pessoa deixa de ser um espectador para se tornar parte da obra de arte.

<sup>2</sup> Arte performática é o termo geral utilizado para descrever uma variedade de atividades, incluindo *happenings*, arte do corpo, ações, eventos, e não-matriz do teatro.

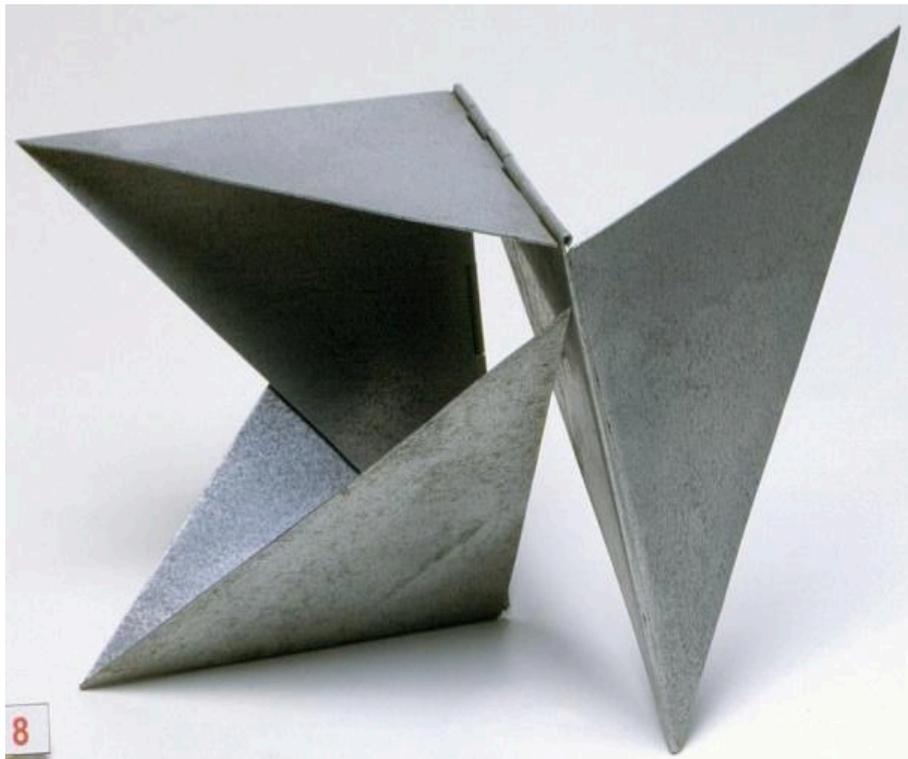
<sup>3</sup> A poética de Lygia Clark caminha no sentido da não representação e da superação do suporte. Propõe a desmistificação da arte e do artista e a desalienação do espectador, que finalmente compartilha a criação da obra. Na medida em que amplia as possibilidades de percepção sensorial em seus trabalhos, Lygia Clark integra o corpo à arte, de forma individual ou coletiva.

Figura 5: Nildo da Mangueira em HO, filme de Ivan Cardoso (Rio de Janeiro, 1979) – fotografia de Eduardo Viveiros de Castro



Fonte: <https://cartacampinas.com.br/2020/03/helio-oiticica>

Figura 6: Invertebrado, 1960, Lygia Clark



Fonte: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/61452/invertebrado>

Corroborando com alguns teóricos que apontam que estes artistas buscam um viés na arte neoconcreta, suas obras “tornam-se quase independentes dos artistas que as criaram: não são mais meros objetos, e sim a participação de outras pessoas”. (Rosa; Rosa, 2015, p. 14). Assim, o processo de desenvolvimento da Arte Contemporânea no Brasil vai despertando em outros artistas a necessidade de expandir as experiências estéticas buscando lugares e públicos diferentes.

Considerando que o desenvolvimento da Arte Contemporânea caminha juntamente com a expansão das mídias digitais, os elementos constitutivos destas tecnologias também ganham atenção nas criações contemporâneas. O vídeo-mapping<sup>4</sup>, imagens holográficas, os gamers passaram a ganhar a atenção de diversos artistas como é o caso de José Wagner Garcia, cujo trabalho *Amazing Amazon*, ganhou destaque ao tratar sobre “as mudanças do rio Amazonas” (Rosa; Rosa, 2015, p. 55).

Dessa forma, observamos que a Arte Contemporânea tem se destacado pela sua incrível diversidade e capacidade de inclusão, abraçando uma vasta gama de estilos, técnicas e influências culturais. Diferente de períodos artísticos anteriores que muitas

---

<sup>4</sup> O *video mapping* é uma técnica visual que consiste em projetar imagens sobre superfícies, na maioria dos casos edifícios, para criar efeitos e animações tão impactantes que parece que ganham vida. Além dos edifícios o *video mapping* também pode ser executado sobre qualquer objeto, por isso é amplamente utilizado em publicidade, seja sobre veículos, vitrines, esculturas, cortinas ou pessoas.

vezes eram definidos por movimentos específicos e estéticas rígidas, a Arte Contemporânea celebra a individualidade e a inovação. Artistas de todas as partes do mundo passam a utilizar suas obras explorando questões sociais, políticas e pessoais, criando um diálogo global que desafia as normas tradicionais.

Essa abertura tem permitido que vozes antes marginalizadas encontrem espaço na cena artística promovendo uma representatividade mais ampla e enriquecendo o panorama cultural com novas perspectivas e narrativas. Assim, abordaremos na próxima seção um panorama da representação da Arte Contemporânea no Maranhão, percebendo sua diversidade e inserção na atualidade.

## **1.2 O retrato do contemporâneo no Maranhão**

No Maranhão a expansão da Arte Contemporânea é impulsionada por algumas exposições que começam a ser organizadas e pelo desenvolvimento de espaços culturais e iniciativas artísticas que promoveram a criação e a difusão de obras inovadoras. Algumas exposições ocorriam na vitrine da loja de Ambrósio Amorim, o então criador da logomarca do Guaraná Jesus (Costa, 2007).

No final da década de 1970, museus, galerias e centros culturais, como o Centro de Cultura Popular Odylo Costa Filho e o Museu de Arte Sacra, iniciaram a promoção da arte contemporânea maranhense com artistas locais e de outros estados. Conforme expressa a especialista Martins (2020, p.35),

A criação de órgãos e eventos entre os anos 1970 e 1980 contribuíram significativamente com a ampliação do espaço das artes visuais maranhenses. A fundação do curso de Desenho e plásticas, na Universidade Federal do Maranhão em 1970. O Centro de Artes e Comunicações Visuais do Estado – CENARTE, hoje Centro de Criatividade Odylo Costa Filho. Nesse mesmo período aconteceram a fundação do Centro de Arte Japiáçu, em 1972. O Museu Histórico e Artístico do Maranhão em 1973 e A associação dos Artistas Plásticos do Maranhão em 1976 (Martins, 2020, p.35)

Outras iniciativas como a criação do Departamento de Assuntos Estudantis (DAC), da UFMA, passaram a contribuir com a exposição de trabalhos sobre Arte Efêmera de diversos artistas maranhenses. Além disso, a galeria de Arte do Serviço Social do Comércio (SESC)/MA promove durante todo o ano exposições, cursos e palestras que ajudam a impulsionar a produção artística maranhense. Outros eventos como o Salão de Artes Visuais do Maranhão proporcionam plataformas importantes para que artistas locais exibam seu trabalho e interajam com audiências mais amplas.

A Arte Contemporânea no Maranhão também se destaca pelo seu forte engajamento com temáticas sociais e comunitárias. Muitos artistas maranhenses utilizam suas obras para abordar questões pertinentes à sociedade local, como a desigualdade social, a preservação ambiental e a valorização das culturas afrodescendentes e indígenas. Projetos de arte comunitária, oficinas e intervenções urbanas são comuns, promovendo a inclusão e a participação da população nas atividades artísticas.

Na atualidade podemos destacar artistas como *Pablo Figueiredo* (fotógrafo e videomaker, utiliza suas habilidades para ressignificar formas de existência através de vivências e saberes); *Gê Viana* que é fotógrafa e performer cuja obra investiga heranças indígenas e afro-brasileiras, utilizando fotomontagens e disciplinas urbanas para questionar narrativas históricas (Artistas, 2024). *Emanuely Luz* (fotógrafa e mestra em Cultura e Sociedade, representa cenas e figuras da cultura maranhense, trazendo visibilidade às tradições locais); *Silvana Mendes* que é uma multiartista visual, utiliza lambes, colagens e muralismo para desconstruir estereótipos impostos ao corpo negro, questionando os lugares de poder na arte por meio de uma didática artística descolonizadora) (Marinho, 2023).

*Jean Ribeiro* (gravador e escultor, utiliza a xilogravura para explorar temas relacionados ao corpo humano e à religiosidade, frequentemente representando orixás e figuras femininas); *Gleydson George* (fotógrafo de rua, investiga a construção visual dos corpos dentro dos contextos que vivenciam, ponderando sobre as diversas culturas que ocupam o Maranhão) e, *Pedro Neves* que é pintor e pesquisador de manifestações culturais, une seu estudo cromático a referências da história da arte moderna e contemporânea brasileira, arte bizantina e arte da América pré-colonial, questionando a ideia de figuração e retrato no campo da pintura (Marinho, 2023).

Esses artistas, entre outros, contribuem significativamente para a valorização e preservação das culturas afro-brasileiras e indígenas no Maranhão, utilizando suas obras para educar, inspirar e promover a diversidade cultural. Assim, após desenvolver o processo de construção do contemporâneo na Arte, passaremos a explicar os conceitos e a estética que são envolvidos na Arte Urbana, uma vez que ela se firma com as ideias de crítica, afirmação e apropriação do espaço público.

### 1.3 Conceitos e definições sobre Arte Urbana

Para iniciarmos nosso debate acerca da Arte Urbana é necessário entendermos a etimologia do termo urbano. De acordo com Junior (2016) esta palavra tem “sua origem no latim *urbanus* a partir de *urbs-urbis*, em alusão à cidade, termo inicialmente utilizado na Roma Antiga”. Os especialistas Possa e Blauta (2013, p.57) ratificam que,

O urbano vem do latim e significa “o que é próprio da cidade”, e a cultura urbana seria, por extensão, a expressão de grupos que desenvolvem suas expressões artísticas nas ruas, nos bairros, em espaços públicos, os quais geram uma maior democratização, criando novas sociabilidades (Possa e Blauta, 2013, p.57)

Conforme a história nos conta as cidades eram importantes espaços de economia (compra e venda), de discussões políticas, de manifestações religiosas e também artísticas como podemos destacar a respeito do Teatro Grego realizado nas ágoras, bem como algumas encenações teatrais durante a Idade Média (Berthold, 2001).

As cidades foram palco de intensas transformações sociais, políticas e culturais, revelando as características dos sujeitos que nelas estão inseridos, sendo um espaço de muitas vozes e ideias. A cidade revela, portanto, o que pensa e o que sente cada indivíduo que a ela pertence, tanto os que nela permanecem quanto os que passam. Por isso, Argan (2005, p. 244) afirma que “desde a antiguidade mais remota, a cidade configurou-se como um sistema de informação e comunicação, com uma função cultural e educativa”.

Além das interações cotidianas, as cidades são palco de eventos culturais, políticos e esportivos que reforçam as relações sociais e a identidade coletiva. As festividades locais, manifestações artísticas e protestos políticos não só expressam a diversidade e os valores das comunidades urbanas, mas também servem como momentos de união e reflexão coletiva. Esses eventos criam oportunidades para o engajamento cívico e a participação ativa na vida da cidade, fortalecendo o tecido social.

Para Argan (2005), a cidade é uma obra de arte em si, onde cada construção e objeto dialogam com o espaço e com as pessoas que o habitam. Nesse sentido, ele enfatiza que a arte urbana não é um adorno, mas um elemento essencial que carrega significados simbólicos e funcionais. O teórico ainda aborda o conceito de cidade ideal e cidade real, em que a cidade ideal representa um projeto utópico que busca harmonizar a funcionalidade do espaço com a estética, enquanto que a cidade real é um

reflexo das transformações sociais e econômicas que ocorrem constantemente. No entanto, é justamente nesse debate que reside uma força criativa do ambiente urbano, onde a arte intervém para revelar os conflitos, ressignificar espaços e propor novos modos de habitar.

Explorando os conceitos de objeto, cidade e arte, apresentados por Argan (2005), suas concepções nos revela que os objetos inseridos no espaço urbano têm o potencial de reconfigurar a experiência estética do cotidiano, promovendo um diálogo entre o passado histórico e as demandas contemporâneas. A cidade revela-se, portanto, como um palco onde arte e vida se entrelaçam, promovendo experiências estéticas que transcendem o material.

Dessa forma, compreendemos que as cidades são fundamentais para o fortalecimento das relações sociais, uma vez que oferecem um ambiente propício para a interação, a cooperação e a formação de uma identidade coletiva robusta. A Arte Urbana, manifestada principalmente através de *graffitis* e murais, é uma forma vibrante e dinâmica de expressão cultural que ocupa os espaços das cidades, estabelecendo o conceito de objeto, cidade e arte.

Originada em movimentos de contracultura e protesto, a Arte Urbana se tornou um meio poderoso para artistas comunicarem mensagens sociais e políticas. Ela frequentemente desafia as normas e as convenções estabelecidas, funcionando como uma forma de resistência e reivindicação de espaço. Através de imagens e palavras, os artistas urbanos abordam temas como injustiça social, desigualdade, identidade e liberdade, transformando muros e ruas em telas que convidam ao diálogo e à reflexão.

Os espaços públicos transformaram-se, assim, em espaços de simulação de vida/existência, dando-nos indicações sobre a forma como cada indivíduo imagina e organiza a sua trajetória pessoal e, desta forma, atribui sentido à sua existência quotidiana, reinventando-a (Ferro; Raposo; Gonçalves, 2015, p. 229).

Percebemos que o espaço urbano é um palco vibrante para a expressão artística, refletindo a diversidade e a dinâmica das cidades. A arte urbana, como *graffitis* e murais transforma paisagens cotidianas em galerias a céu aberto, democratizando o acesso à arte e tornando-a parte integrante da vida urbana. Esses espaços artísticos não apenas embelezam a cidade, mas também servem como veículos de comunicação e reflexão social, abordando temas como justiça social, identidade cultural e política, como podemos aferir nos escritos de Pallamin (2015, p. 147):

Em meio aos espaços públicos, as práticas artísticas consistem em apresentação e representação dos imaginários sociais. Sendo um campo de indeterminação, a arte urbana adentra a camada das construções simbólicas dos espaços públicos urbanos, intervindo nos modos diferenciais da produção de seus valores de uso, sua validação ou legitimação, assim como de discursos e formas sedimentadas de representação cultural ali expostas. (Pallamin, 2015, p. 147)

Assim, a interação entre a arte e o espaço urbano estimula a criatividade dos habitantes e visitantes, incentivando um diálogo contínuo entre a cidade e seus cidadãos e permite ao artista diferentes percepções sobre as relações sociais que interagem de forma constante. “Ao pensar sobre espaço urbano, o artista se defronta com outras pessoas e subjetividades diferentes que, em determinado momento, se relacionam ou não; no espaço urbano o artista trabalha constantemente com o incerto” (Guerche, 2014, p. 69).

Além de embelezar e revitalizar áreas urbanas, a arte no espaço urbano desempenha um papel importante na construção da identidade e do caráter das comunidades locais. Projetos artísticos colaborativos, como murais comunitários, envolvem os moradores e promovem um sentimento de pertencimento e orgulho local. A Arte Urbana também pode atrair turistas e impulsionar a economia local, transformando bairros antes negligenciados em destinos culturais vibrantes. Em suma, a integração da arte no espaço urbano não só enriquece a experiência estética da cidade, mas também fortalece os laços comunitários, promove o desenvolvimento econômico e incentiva a participação cívica.

Retomando as formas de arte no espaço urbano temos no *graffiti* um exemplo de uma expressão artística que surgiu das subculturas urbanas, e que hoje é amplamente reconhecida como uma forma legítima de arte. Segundo Gitahy (1999), os primeiros exemplos de *graffiti* que a história registra foram os desenhos rupestres feitos nas paredes de pedras das cavernas, seguido dos túmulos dos faraós no Egito Antigo, dos afrescos na Roma Antiga e dos símbolos religiosos feitos nas catacumbas pelos primeiros cristãos no início da Idade Média. Mesmo fazendo uso de diferentes técnicas, a arte mural, o *graffiti* assumem a representação de imagens que reverberam diferentes significados e funções conforme a sociedade em que estão inseridos.

Murais e *graffitis* em fachadas de prédios e muros não apenas embelezam a cidade, mas também contam histórias e transmitem mensagens sociais e políticas. “Ao invés de usar telas, grafiteiros usam os muros e elementos da cidade como bueiros e postes para fazer arte”, como afirmam Rosa e Rosa (2015, p. 38). Gitahy ratifica que “o

graffiti tem como suporte [...] não somente o muro, mas a cidade como um todo. Postes, calçadas, viadutos etc. são preenchidos por enigmáticas imagens [...]” Gitahy (1999, p. 16).

Essas obras muitas vezes envolvem a participação da comunidade, refletindo suas preocupações e aspirações. Além disso, esculturas públicas, Lambes, Stickers e intervenções em praças e parques oferecem aos cidadãos uma experiência estética acessível, interagindo com o espaço e modificando a paisagem urbana de forma significativa.

Street Dance e Performances também são formas importantes de arte no espaço urbano, proporcionando uma experiência efêmera e muitas vezes interativa. Instalações de arte temporárias, como exposições de luzes e projeções, transformam temporariamente o ambiente urbano, criando um senso de magia e novidade. Performances de rua, como teatro, dança e música ao vivo, trazem vitalidade e espontaneidade às áreas urbanas, engajando diretamente com o público e quebrando a monotonia do dia a dia como bem nos afirma Pallamin (2015, p.144),

Em meio ao horizonte aberto de possibilidades pelas quais as produções artísticas podem vir a ocorrer nos espaços urbanos, focaliza-se aqui a arte urbana como prática crítica, revelando-se o caráter profícuo que esta propicia à reflexão sobre o espaço público. (Pallamin, 2015, p. 144)

Essas formas de arte são acessíveis a todos e incentivam a participação ativa dos cidadãos, contribuindo para a formação de uma cultura urbana vibrante e inclusiva. Através dessas expressões artísticas, o espaço urbano se torna um local de encontro, diálogo e celebração da criatividade humana.

#### **1.4 O cenário urbano atual**

Refletir sobre a estética urbana nos faz enveredar pela história, percebendo como as manifestações do espaço público foram sendo organizadas nos mais diversos contextos. Assim nos cabe explorar como o processo da Arte Urbana ocorreu iniciando pelos Estados Unidos até chegar à capital São Luís, Maranhão.

### 1.4.1 A Arte Urbana pelo mundo

Nos Estados Unidos, a grafiteagem evoluiu de uma prática marginalizada e muitas vezes ilegal para uma forma de arte amplamente reconhecida e valorizada. Surgindo nas décadas de 1960 e 1970 em cidades como Nova York e Filadélfia, o graffiti era inicialmente associado às subculturas urbanas e à expressão de identidades marginalizadas. “[...] os movimentos espontâneos de Nova York dos anos 1970, quando o metrô e suas estações se tornaram os principais espaços de expressão, recebendo desenhos agressivos, figuras estranhas e inscrições” (Silva, 2014, p. 24).

Como forma mais representativa da Arte Urbana, o *graffiti* passou a ser a voz dos sujeitos que se viam como marginalizados dentro do processo social excludente em que estavam inseridos, ocupando os espaços urbanos em muros, postes, calçadas, qualquer lugar das cidades, no qual poderia ser visto. Dessa forma, torna-se necessário entender o significado do termo *graffiti*, que “vem da expressão italiana graffiti, plural de grafito, do grego graphis, ‘carvão natural’, a matéria com a qual se fabrica o grafite usado em lápis e lapiseiras. A origem pode ser estendida a grafia” (Silva, 2014, p. 24).

Os primeiros grafiteiros usavam o espaço urbano para marcar território e expressar suas vozes em um contexto de exclusão social e econômica. Ao longo dos anos, o *graffiti* nos EUA passou por uma transformação significativa, ganhando reconhecimento como uma forma de arte legítima. Artistas como Jean-Michel Basquiat e Keith Haring ajudaram a trazer o graffiti para as galerias de arte, enquanto festivais de arte urbana e projetos de murais comunitários proliferaram em cidades de todo o país. Percebemos nas produções desses artistas, evidenciadas nas figuras 7 e 8, a forte expressão visual que a arte do grafite carrega: a cor pulsante, formas dinâmicas que revelam o grito, a agressividade e a afirmação que os indivíduos buscavam.

Figura 7 – Cabeza, 1982, Jean-Michel Basquiat



Fonte: <https://www.culturagenial.com/jean-michel-basquiat-obras/>

Figura 8- *Sem título*, 1982, Keith Haring.  
Esmalte cozido sobre metal, 109,2 × 109,2 cm



Fonte: <https://ago.ca/exhibitions/keith-haring-art-everybody>

Com a mesma vertente da crítica a partir de temas sociais, guerras e políticos, e fazendo uso da agressividade e ao mesmo tempo do sarcasmo, Banksy (pseudônimo de um artista britânico) vem através do estêncil realizar intervenções em ruas e até mesmo em museus (Rangel, 2023). Sua intenção não é de tornar suas obras conhecidas,

mas de provocar o observador que geralmente ao primeiro contato com suas intervenções demonstram riso.

Suas ações artísticas são ousadas ao ponto de o próprio artista entrar em museus, (como o Metropolitan Museum of Arte em Nova York e no Tate Britain, em Londres), colocar telas de suas obras e assim elas permaneceram por semanas no interior destes espaços sem que ninguém pudesse notá-las (Rangel, 2023). A irreverência do artista torna suas obras únicas, carregadas de significados e de oposição à cultura de poder e autoritarismo, sua obra mais famosa é *Ballon Girl* (Figura 9).

Figura 9: Ballon Girl



Fonte: <https://www.giornalesentire.it/it/the-art-of-banksy>

No contexto da Arte Urbana e Mural destacamos também o muralismo mexicano que surgiu no início do século XX e que teve uma influência profunda e duradoura no desenvolvimento do *graffiti* contemporâneo. Pioneiros como Diego Rivera, José Clemente Orozco e David Alfaro Siqueiros utilizaram os murais para comunicar mensagens políticas e sociais, abordando temas como a revolução, a luta de classes e a identidade nacional. Esses artistas transformaram os muros públicos em poderosas ferramentas de educação e conscientização, utilizando uma linguagem visual acessível para alcançar as massas, como podemos observar na obra (Figura 10) *El levantamiento* de Diego Riviera.

Figura 10- El levantamiento, 1931, Diego Riviera



Fonte: <https://amlatina.contemporaryand.com/pt/editorial/muralistas-mexicanos>

A ênfase na arte pública como meio de expressão social e política estabeleceu um precedente importante para o grafite, que mais tarde adotaria essas mesmas ruas e paredes como espaços para diálogos visuais sobre questões contemporâneas. Neste contexto, percebemos que o *graffiti* foi ganhando características associadas à crítica, questionamento principalmente sobre as questões sociais que estão relacionadas às estruturas de poder.

“Em sua revolução, o grafite traz implícito um questionamento de todas as estruturas de poder, e se constitui, se não num movimento de unidade internacional, mas nas várias explosões regionais e pessoais que chegam a usar e idealizar procedimentos similares” (Silva, 2014, p. 25)

É importante, que destaquemos a influência que o muralismo mexicano exerceu no *graffiti* na forma como os grafiteiros contemporâneos abordam temas sociais e políticos, além da técnica de suas obras. Assim como os muralistas mexicanos (Diego Rivera, José Clemente Orozco e David Alfaro Siqueiros), muitos grafiteiros utilizam cores vibrantes, composições dramáticas e narrativas visuais para captar a atenção do público e provocar reflexão (Silva, 2014).

Em cidades ao redor do mundo, a tradição do muralismo pode ser vista em grandes murais que abordam tópicos como justiça social, identidade cultural e resistência política. Além disso, o muralismo mexicano inspirou uma valorização da arte como uma forma democrática e acessível de expressão, encorajando comunidades a

se apropriarem de seus espaços públicos para contar suas próprias histórias e reivindicar sua presença visual na paisagem urbana.

#### 1.4.2 O urbano no Brasil

Observando as características da arte mural e urbana que já foram abordadas em tópicos anteriores e relacionando com os estudos de Gitahy (1999), corroboramos com a ideia de que os murais desenvolvidos por Di Cavalcanti assumem esse papel de arte mural e pública. Apresentando a realidade social do Brasil como questões trabalhistas, críticas ao governo, entre outros temas sociais, a obra de Di Cavalcanti (Figura 11) traz a reflexão e a democratização da arte no espaço das cidades. Fazendo com que outros artistas utilizassem do espaço público como amplificação de suas vozes como veremos a seguir.

Figura 11 - Fachada do hotel Jaraguá, Rua Martins Fontes em São Paulo, Brasil com mural feito por Di Cavalcanti



Fonte: <https://causaoperaria.org.br/2021/o-modernismo-em-murais-de-di-cavalcanti>

Nesse contexto, o advento do Governo Militar entre as décadas de 1960 a 1985, trouxe ao Brasil um controle sobre produções artísticas, culturais e literárias. Durante este período diversos artistas foram impedidos de desenvolver suas atividades chegando até o ponto de serem exilados do país. Outros tiveram que modificar sua ação artística tentando escamotear as críticas feitas ao governo. O quadro de insatisfação, insurgência,

surgimentos de grupos de jovens universitários ligados a movimentos de contestação começam a ganhar força, e neste ponto a arte vai adquirindo novas feições.

O espaço da rua passou a ser o palco de diversas manifestações em prol das Diretas Já que lutava pela volta das eleições diretas para o cargo de presidência da República. Neste contexto e impulsionados por mudanças sociais, artistas como Alex Vallauri (Figura 12), considerado o precursor do *graffiti* no Brasil, traz uma arte provocativa, carregada de humor, mas também de crítica ao sistema político vigente. Sua ação acabou por influenciar outros artistas de rua (Bulhões, 2019).

Figura 12- Alex Vaullari grafitando o estúdio do fotógrafo Sérgio Valle Duarte, 1980.



Fonte: <https://notthesamo.com/o-precursor-do-graffiti-no-brasil-alex-vallauri>

Mas ainda há resistência sobre a Arte Urbana, principalmente porque alguns indivíduos não conseguem perceber a diferença entre arte e marginalização. O *graffiti* e a pichação são duas formas de intervenções urbanas que, apesar de compartilharem o espaço público como tela, possuem diferenças significativas em termos de intenção, estética e percepção social. O *graffiti* é amplamente reconhecido como uma forma de arte urbana que combina criatividade, técnica e mensagem.

Os *graffitis* geralmente são elaborados e coloridos, exibindo uma variedade de estilos, desde letras estilizadas até representações figurativas complexas. Os grafiteiros frequentemente trabalham com permissão ou em espaços designados, buscando

transmitir mensagens sociais, culturais ou políticas. Essa forma de arte é muitas vezes celebrada por sua capacidade de revitalizar áreas urbanas, engajar comunidades e transformar o ambiente público em uma galeria a céu aberto. Coincidimos com Silva, quando expressa que:

[...] o grafite é entendido como uma comunicação urbana mais elaborada, próxima à arte urbana, [...], enquanto a pichação é algo mais grosseiro e ligeiro, próximo às brincadeiras de adolescentes sobre muros ou outros objetos como trens ou igrejas, ou ao vandalismo, e que muitas vezes é feita com a intenção de ofender ou insultar (Silva, 2014, p. 47).

Assim, a pichação é geralmente vista como uma forma de vandalismo, caracterizada por inscrições rápidas e ilegais feitas em superfícies públicas ou privadas. As pichações são tipicamente compostas de letras simples e monocromáticas, realizadas sem a preocupação estética que define o *graffiti*. Este tipo de intervenção é muitas vezes motivado por um desejo de marcar território ou expressar protesto, sem a intenção de embelezar ou comunicar uma mensagem artística elaborada.

A percepção negativa da pichação está associada ao seu impacto visual desordenado e ao fato de ser realizada sem consentimento, resultando em danos à propriedade e custos de limpeza. Assim, enquanto o *graffiti* é cada vez mais aceito e valorizado como uma forma de arte urbana, a pichação continua a ser amplamente criticada e considerada um problema urbano.

Entretanto, atualmente foi instituída a Lei nº 14.996 de 15 de outubro de 2024, pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva que ratifica o *graffiti* como manifestação da cultura brasileira e expressão da arte urbana.

Art. 1º Ficam reconhecidos a *charge*, a caricatura, o cartum e o grafite como manifestações da cultura brasileira, cabendo ao poder público garantir sua livre expressão artística e promover sua valorização e preservação.

Art. 2º Para os efeitos desta Lei, considera-se:

[...]

IV – grafite: expressão da arte urbana em forma de desenho e escrituras em que o artista cria uma linguagem intencional para interferir na cidade, com o aproveitamento de espaços públicos, como paredes, muros, fachadas, viadutos e ruas (BRASIL, 2024).

Com esta lei o trabalho dos artistas urbanos ganha mais espaço e fortalecimento, pois as entidades podem promover ações de fomento a estas práticas artísticas envolvendo também, em destaque, os espaços escolares em formas de oficinas e outras intervenções didáticas. Permitindo assim, que mais pessoas tenham conhecimento e acesso a esta forma de manifestação artística.

Mesmo assim, temos atualmente no contexto brasileiro vários artistas que vêm ao longo dos anos desenvolvendo sua Arte e que são reconhecidos a nível nacional e internacional, como é o caso de “[...] Eduardo Kobra, Alex Hornest, Ramon Martins, Gustavo e Otávio Pandolfo (Os gêmeos)” (Bulhões, 2019, p. 91).

Cada um deles, com seu estilo e abordagem únicos, contribuindo significativamente para a valorização e democratização da arte nas cidades. Eduardo Kobra é conhecido por seus murais coloridos e realistas, que frequentemente retratam figuras históricas e mensagens de paz e esperança, transformando o ambiente urbano em uma galeria a céu aberto. Seu trabalho não apenas embeleza os espaços públicos, mas também promove a reflexão sobre questões sociais e culturais, conectando as comunidades através da arte.

Alex Hornest, também conhecido como Onesto, e Ramon Martins trazem ao espaço urbano uma mistura de surrealismo, elementos culturais e temas contemporâneos, criando obras que capturam a imaginação e provocam o pensamento crítico. Os Gêmeos, por sua vez, são mestres na criação de mundos fantásticos e personagens oníricos, que refletem as influências de sua infância e cultura brasileira, suas obras (Figura 13) possuem traços únicos que revelam toda a genialidade destes artistas.

Figura 13 – Grafite na Lituânia, Os Gêmeos



Fonte: <https://arteseemfronteiras.com/os-gemeos/>

As obras de todos esses artistas não só enriquecem visualmente as cidades, mas também funcionam como uma forma de expressão e comunicação poderosa, capaz de engajar diferentes públicos e estimular a apreciação da arte em um contexto acessível e cotidiano.

#### 1.4.3. Um olhar sobre a Arte Urbana em São Luís

A grafiteagem em São Luís do Maranhão desempenha um papel significativo na revitalização cultural e visual da cidade, conhecida por seu rico patrimônio histórico e arquitetônico. Nos últimos anos, artistas locais e internacionais têm transformado os muros e edifícios de São Luís em telas vibrantes que refletem a identidade cultural e social da região. Os *graffitis* na cidade muitas vezes retratam elementos da cultura maranhense, como a dança do bumba-meu-boi, festividades locais e figuras folclóricas, conectando a arte urbana às tradições e ao cotidiano dos moradores. Esse movimento não só embeleza a paisagem urbana, mas também promove um diálogo entre o passado e o presente, revitalizando espaços degradados e despertando o interesse turístico.

Além de seu valor estético, a grafiteagem em São Luís serve como uma ferramenta poderosa de expressão social e política. Muitos artistas utilizam os muros da cidade para abordar questões importantes, como desigualdade social, racismo, e preservação ambiental, dando voz a comunidades marginalizadas e estimulando a reflexão e o debate público. Em São Luís, o grafite passou a ganhar destaque a partir dos anos 1990 (Coutinho, 2023), ligado ao movimento do Hip Hop e que foi ao longo dos anos ganhando espaço junto a outras formas de arte urbana como as intervenções urbanas, lambe-lambes, sticker art e stencil.

No contexto do *graffiti* em São Luís destacamos os artistas como Edi Bruzaca (Figura 14), Jhere Belo, Romildo Rocha, Gil Leros. As obras destes artistas carregam em suas formas e cores características da cultura maranhense, sua história e sua gente, buscando resgatar o valor da tradição e a importância da ocupação urbana com arte.

Figura 14 – O Mundo do Pescador de Sonhos, Edi Bruzaca



Fonte: <https://portalguara.com/sesc-abre-a-exposicao-o-mundo-do-pescador-de-sonhos/>

Como podemos observar na imagem acima, destacamos a importância do trabalho de Edi Bruzaca (artista maranhense) que explora uma linguagem lúdica em seus grafittis, misturando sua realidade urbana com o universo onírico e mesclando traços, cores e texturas, que dão movimento e equilíbrio ao seu trabalho

Romildo Rocha, importante artista do grafite ludovicense faz pinturas que homenageiam e celebram a sua cultura de origem, tendo como referência a xilogravura, a literatura de cordel e os azulejos portugueses. Sua arte mescla técnicas como *graffiti*, aquarela, pintura mural, desenho e até mesmo rascunhos, que revelam encantos regionais como as quebradeiras de coco (Figura 15), a lida dos vaqueiros com o gado, até as nuances do bumba-meu-boi.

Figura 15 – Grafite de Romildo Rocha

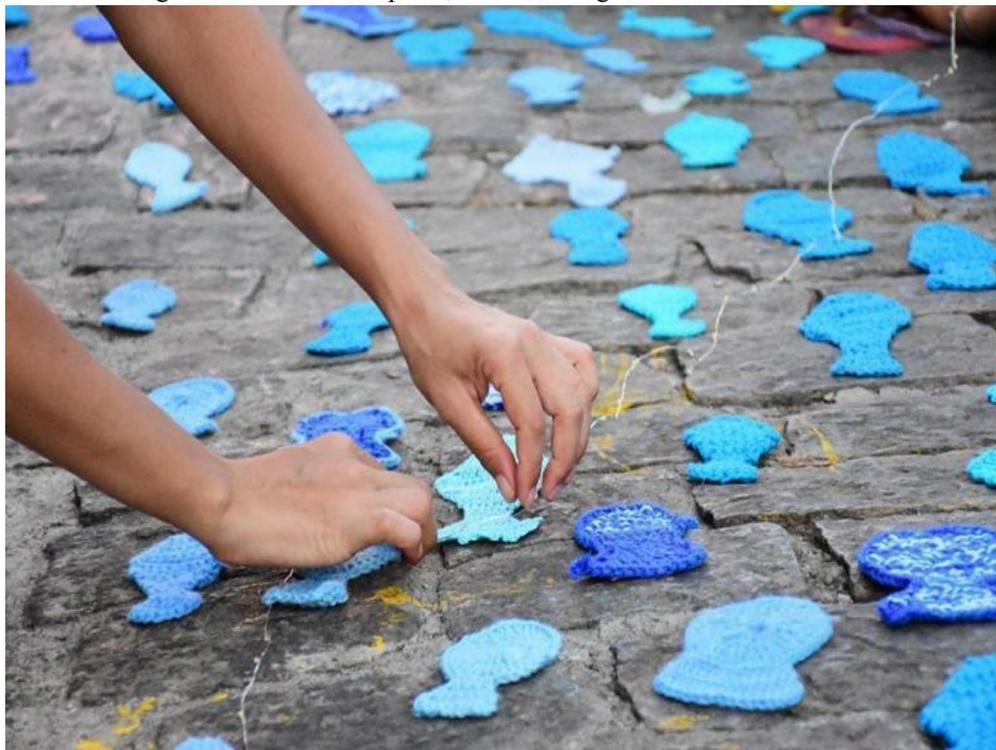


Fonte:

<https://www.sobreatame.com/terra-forte-as-cores-de-codo-em-homenagem-de-romildo-rocha/>

Com uma proposta diferente o Coletivo Linhas, formado por sete mulheres, é um projeto colaborativo iniciado na Galeria Trapiche pelas artistas Camila Grimaldi e Marcia de Aquino, que através do bordado e do crochê (Figura 16) promovem encontros e mudanças estéticas por onde passam. Representando flores, azulejos, parte da religião maranhense, o trabalho dessas mulheres é de promover o encontro de memórias e a essência do universo feminino.

Figura 16: Cardume de peixe, Cardume de gente” do Coletivo Linhas



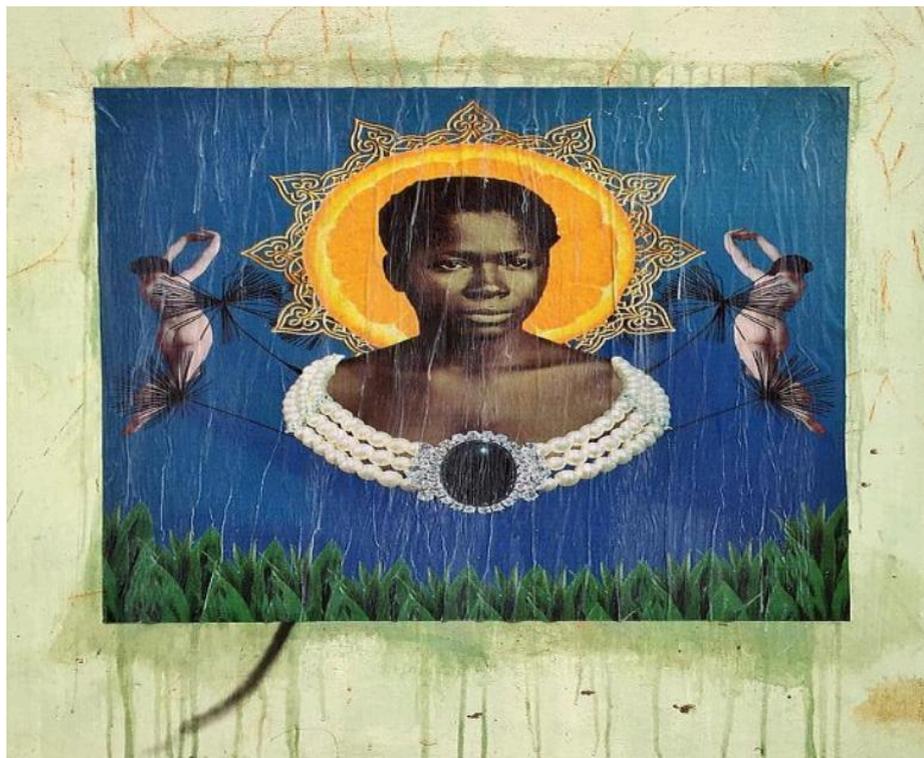
Fonte:

<https://oimparcial.com.br/noticias/2017/09/intervencao-urbana-espalha-peixes-pela-deodoro/>

Explorando outras técnicas visuais presentes na Arte Urbana de São Luís, destacamos também o lambe-lambe que valoriza o contraste visual, frequentemente empregando cores vivas, formas impactantes que são utilizadas para capturar a atenção dos transeuntes. Esta forma de arte utiliza cartazes colados em espaços públicos, geralmente com mensagens políticas, sociais ou culturais, que se destacam pela sua natureza efêmera e direta.

Podemos assim, destacar as obras de Silvana Mendes (Figura 17) que explora o processo de reposicionamento de imagens, principalmente da mulher negra no contexto social, partido de referências estéticas que perpassam pelo clássico. Gê Viana através do ato de fotografar corpos que assumem vários recortes com a fotomontagem (Figura 18), retornando um segundo corpo e que acaba gerando lambes em experimentos de intervenção urbana/rural.

Figura 17 – Mina que lambe, Silvana Mendes



Fonte: <https://www.lambesbrasil.com.br/post/mina-que-lambe-1-silvana-mendes>

Figura 18 – Lambe de Gê Viana



Fonte: <https://www.premiopipa.com/ge-viana/>

Observando esta diversidade de expressões estéticas do cenário urbano de São Luís, percebemos a importância da valorização da Arte Urbana, incentivando a

realização de projetos colaborativos e festivais, que envolvem a comunidade e promovam a inclusão social. Em suma, a grafiteagem e as outras formas de Arte Urbana em São Luís do Maranhão são manifestações artísticas que enriquecem a cidade tanto visualmente quanto culturalmente, contribuindo assim para a construção de uma identidade urbana vibrante e engajada.

## 2. O PROCESSO ESTÉTICO NO ENSINO DE ARTE NAS ESCOLAS

*“A sociedade muda, a arte muda, as necessidades da educação mudam”. (Ana Mae Barbosa)*

A presença da arte na sociedade sempre demonstrou a necessidade de expressão e de criação do homem. Em cada época, ela imprimia uma função diferente, seja ela de cunho político, religioso ou educacional, o que permitiu sua diversidade estética e permanência em diferentes culturas.

Com isso, a evolução estética da arte se afirma como um reflexo das transformações culturais, sociais e tecnológicas ao longo do tempo. E a escola imbuída da sua missão de formação cognitiva e social dos indivíduos assume também este papel na formação estética dos sujeitos. Por isso, o Ensino da Arte tem sido uma necessidade cada vez mais urgente em nossa sociedade, no que tange a formação cultural, social e estética de cada sujeito como nos afirma a historiadora Veiga (2000),

A educação estética pressupõe sujeitos plásticos, flexíveis que, por meio da educação dos sentidos e do aprimoramento da capacidade de ver, ouvir, falar, olhar, tocar, aprendam a valorizar e usufruir do chamado acervo cultural da humanidade [...] (Veiga, 2000, p. 406).

Assim, ampliar as experiências e direcionar o caráter estético possibilita uma mudança de ser e estar dos indivíduos em sociedade, fazendo com que cada um perceba sua real função enquanto agentes críticos e participativos em um mundo em constante transformação. Dessa forma, nesta seção debateremos sobre a Arte-Educação enquanto área de conhecimento, sua relação com a Cultura Visual, a forma como as legislações amparam o componente curricular Arte e de que forma o contexto da Arte Urbana se faz presente nos currículos escolares. Buscando assim, promover uma reflexão que nos direcione à compreensão sobre a importância do Ensino da Arte no contexto escolar.

### 2.1 Por que Arte-Educação?

Desenhar, pintar, esculpir, cortar, colar, encenar, cantar, tocar, ver, criar, apreciar. Quantas ações a Arte nos permite experimentar durante nossa trajetória escolar? Mas o que se pode considerar como Arte-Educação, como essa relação implica em nossa formação pessoal e profissional, em nossa relação com o mundo? Para traçarmos

caminhos sobre a Arte-Educação, precisamos compreender alguns aspectos teóricos que nos ajudarão na compreensão sobre esta área de conhecimento que acompanha o homem desde os primórdios da história.

Se colocássemos a Arte em um nível de importância ela seria escalada entre as disciplinas menos relevantes. Mas por que esta área de conhecimento ganha esta conotação que se perpetua até os dias atuais? Porque há essa desvalorização sobre a Arte? Qual o sentido da Arte para os sujeitos?

Definir arte é um desafio que depende amplamente do ideário de cada teórico, uma vez que ela carrega em si uma pluralidade de sentidos e interpretações. Para alguns, a arte é essencialmente um artefato, algo criado pela intervenção humana e que se distingue da natureza. Sob essa perspectiva, a arte é fruto da cultura e da criatividade, manifestando-se como objetos, performances ou imagens que carregam significados simbólicos. Outros teóricos definem a arte como linguagem, um sistema de comunicação que transcende as palavras e utiliza cores, formas, sons ou gestos para transmitir mensagens e expressar ideias.

Ainda há quem aponte a arte como emoção, enfatizando sua capacidade de despertar sentimentos profundos e de refletir estados internos tanto do artista quanto do público (Duarte Jr, 2012). Para outros, a arte é conhecimento, uma maneira única de compreender o mundo, de questioná-lo e de representá-lo, oferecendo novas perspectivas e ampliando horizontes intelectuais. Essas diferentes abordagens mostram que a arte é, ao mesmo tempo, algo objetivo, ligado à criação concreta, e subjetivo, relacionado às interpretações e experiências pessoais.

Na nossa compreensão a arte tem um papel fundamental na vida dos indivíduos, pois engloba um conjunto de formulações que fazem com que tenham plena capacidade de criticar e perceber tudo o que lhe cerca. Segundo Ferraz e Fusari (2018, p. 20) “[...] o valor da arte está em ser um meio pelo qual as pessoas expressam, representam e comunicam conhecimentos e experiências”. “Para Platão as artes são associadas ao modo de fazer algo, são tomadas no sentido de *téchne*, abrangendo o binômio habilidade e conhecimento técnico” (Pallamin, 2015, p. 47).

A respeito do papel educacional da arte, o filósofo Duarte Jr. (2012, p. 73) nos afirma que “a finalidade da arte-educação deve ser, sempre, o desenvolvimento de uma consciência estética”. Assim, observamos que a formação estética dos sujeitos se baseia em suas experiências que de fato torna significativo o processo de aprendizagem.

Diante disso, surge uma questão central: a arte se ensina e se aprende? A resposta a essa pergunta é afirmativa, mas exige nuances. Ensinar arte significa proporcionar ferramentas para a expressão e para o entendimento de linguagens artísticas, cultivando o olhar sensível, a criatividade e a capacidade crítica. Por outro lado, aprender arte envolve não apenas o domínio técnico, mas também a abertura para explorar significados, sentimentos e formas de interação com o mundo. Ferraz e Fusari (2018, p.21) afirmam que, “Ao conhecer a arte produzida em diversos locais, por diferentes pessoas, classes sociais e períodos históricos e as outras produções do campo artístico [...] o educando amplia a sua concepção da própria arte e aprende a dar sentido a ela”.

Neste processo, podemos incluir a apreciação e análise de obras de arte, a exploração de diferentes técnicas e mídias artísticas, e a encorajar a reflexão sobre o papel da arte na sociedade e na cultura. Além disso, o Ensino de Arte no ambiente escolar visa fomentar a capacidade dos estudantes de criar suas próprias obras, proporcionando um espaço para a experimentação e a inovação.

Com isso, conseguimos ter uma percepção sobre a forma que os indivíduos se relacionam e valorizam a Arte e de que forma a escola tem contribuído para a perpetuação dessa forma de pensar. O teórico Duarte Jr. (2012, p.11) aponta que a escola tem tido um papel de “esquartejamento mental”, oprimindo intelectualmente as experiências dos alunos e alunas. Por isso, o Ensino da Arte torna-se fundamental para uma educação dos sentidos tão necessária para o desenvolvimento dos indivíduos.

Neste momento já não é possível mais se pensar em uma separação entre Arte e Educação, mas se busca uma nova forma de pensar a educação através da Arte, a Arte-Educação. Para entender melhor o significado deste termo trazemos a arte-educadora Barbosa (2012, p.12) que afirma que “Arte-Educação é uma área de estudos extremamente propícia à fertilização interdisciplinar [...]”.

Já foi percebido que no processo de ensino-aprendizagem temos inclinações a aprender aquilo com o qual nos identificamos, aquilo que consideramos de fato importante para nossas vidas. Por isso, a defesa por um ensino significativo nas escolas tem sido abordada por diversos teóricos, pois ele traz um sentido real e prático para os/as discentes. Sobre isso, o escritor e filósofo Bondía (2002, p. 21) afirma que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Já de acordo com Duarte Jr (2012) nossas experiências são desenvolvidas a partir de referências que já possuímos e são elas que vão dando sentido ao que somos e acreditamos.

Sendo assim, a aprendizagem através da Arte baseia-se nas experiências vividas pelo aluno, vivências essas que eles já trazem de outros espaços além da escola e que constituem todo processo de formação criadora destes indivíduos. “[...] somente se aprende quando se parte das experiências vividas e sobre elas se desenvolve a aplicação de símbolos e conceitos que as clarifiquem” (Duarte Jr, 2012, p. 32). Por isso, é necessário que o professor e professora de Arte possibilitem diferentes experiências artísticas aos seus alunos e alunas, para que estes consigam construir suas próprias experiências e subjetividades.

Tratando a respeito da experiência nos processos de aprendizagem, o filósofo e pedagogo Dewey (2010, p. 123) afirma que “nenhuma experiência isolada tem a oportunidade de se concluir, porque o indivíduo entra em outra coisa com muita precipitação. O que é chamado de experiência fica tão disperso e misturado que mal chega a merecer esse nome”.

Destaca-se mais uma vez a importância em estabelecer relações entre as experiências pessoais, culturais, estéticas, com as vividas em sala de aula na troca entre os/as estudantes, e entre eles e os/as docentes. Pois, nesta relação de troca os indivíduos desenvolvem processos de reflexão e transformação do seu agir individualmente e em sociedade. Entretanto, nossas escolas historicamente não foram pensadas como espaço de reflexão, o pensar e o fazer eram coisas distintas com objetivos bem definidos e que promovia a exclusão de uma grande parte da sociedade (Aranha, 2006).

Não há espaço para o pensar crítico, para o sentir, não se leva em conta os valores, as experiências dos alunos e alunas. O que existe é um estímulo à competição, o ensino de uma grande leva de conhecimentos científicos, mas que não visam a criticidade, apenas a repetição do que já foi posto por outros sujeitos. E assim nos indagamos, sobre como romper esta situação educacional em nossas escolas.

Consideramos assim, que a Arte é o caminho, é o elemento que faz com que cada cultura resista a esse turbilhão de mudanças vividas pela humanidade. E é de fundamental importância que a experiência estética esteja presente em nossas escolas promovendo mudanças no pensar e agir de nossos alunos e alunas.

Essa complexidade faz da arte não apenas um campo de estudo, mas também uma prática essencial para a formação humana, conectando-nos ao que é mais profundo em nossa cultura, nossa história e em nós mesmos. Pensar todo processo de construção do Ensino de Arte só nos faz inferir que a Arte-Educação é necessária e se faz urgente para o rompimento com um ensino excludente, segregado e padronizado. O educar

através da Arte busca assim, a emancipação imaginativa e cultural dos sujeitos inseridos no espaço escolar e em sociedade.

## **2.2 Da Cultura Visual à Abordagem Triangular**

A cultura como construtora das nossas experiências visuais não apenas molda a maneira como percebemos o mundo, mas também redefine as pedagogias artísticas, avançando da crítica cultural para uma pedagogia da experiência. Essa mudança ressalta a importância de considerar o contexto e as especificidades circunstanciais do objeto de estudo, abrangendo o visível e a visualidade.

Pode ser compreendida de diferentes maneiras, dependendo da perspectiva adotada. No sentido restrito, ela é frequentemente associada ao intelecto e às realizações acadêmicas ou eruditas. Já no sentido amplo, abrange todas as expressões humanas, incluindo práticas sociais, tradições e formas de comunicação que refletem o intelecto coletivo (Barbosa, 2012). Dentro desse panorama, a cultura visual surge como um fenômeno contemporâneo, amplamente moldado pela internet, que direciona seus interesses para esferas particulares e personalizadas, marcando uma nova era na interação cultural, provocando profundas mudanças no mundo da arte, redefinindo suas funções e impactos sociais.

A arte, por sua vez, desempenha um papel central nesse corpo cultural, sendo frequentemente descrita como o "coração" que pulsa em meio às diversas manifestações culturais. A razão cultural, ou seja, a necessidade de compreender e expressar o mundo ao nosso redor, nos direciona inevitavelmente para o estudo da arte. Desde o modernismo, que foi o primeiro movimento a destacar a importância da arte na educação, até o pós-modernismo, que ampliou esse entendimento ao valorizar o ato de "ver e fazer" arte como expressão cultural (Barbosa, 2012), a arte tem sido um elemento essencial para refletir e construir significados na sociedade. Como nos afirma Pallamin (2015, p.17),

As práticas artísticas são maneiras de fazer que intervêm nessa distribuição geral do sensível, nas suas formas de visibilidade e modos de ser. Nessa estética primeira define-se aquilo que se dá a sentir, implicando recortes do visível e do invisível, do dizível e do indizível, demarcando os lugares que estão em jogo na política que, por sua vez, ocupa-se do que é visto e de quem tem a competência para ver, do que é dito e de quem se qualifica para dizer (Pallamin, 2015, p.17)

No campo da cultura visual, as imagens e representações visuais são repletas de significados que nos ajudam a refletir sobre o mundo e sobre nós mesmos. Essa perspectiva torna a presença da arte indispensável nos espaços escolares, pois ela promove uma quebra de paradigmas e amplia as formas de perceber e compreender o que está ao nosso redor. Hernandez (2011, p. 35) afirma que “a contribuição principal da perspectiva da cultura visual é propor [...] uma mudança de foco do olhar e do lugar de quem vê”, incentivando uma nova consciência sobre as relações entre o observador e o objeto observado.

Cada indivíduo que ocupa o espaço escolar traz consigo um olhar único, carregado de marcas culturais e biográficas. Esse olhar não se limita ao que simplesmente vemos, mas reflete camadas mais profundas de nossas experiências e identidades. Assim, espaços como “[...] a escola ou o museu se articulam como lugares simbólicos que ensinam a disciplinar o olhar [...]” (Hernandez, 2011, p. 35). Essa “disciplina do olhar”, ajudaria a formar um repertório visual crítico e sensível nos sujeitos. A partir desses ambientes, é possível ressignificar as experiências visuais e expandir os horizontes da percepção, promovendo uma educação que valoriza a pluralidade de perspectivas e a riqueza dos contextos culturais.

Assim, durante este processo de educação do olhar a arte precisa ser reposicionada na sociedade. Para Aguirre (2011), a arte é uma forma de simbolização, cuja definição ou reconhecimento como objeto artístico está intrinsecamente ligado ao contexto cultural. Esse olhar é complementado pela ideia de Jacques Rancière sobre a “partilha do sensível”, em que o acesso ao que pode ser visto, dito e legitimado como arte é mediado por dinâmicas sociais e culturais.

A partilha do sensível implica um jogo de decisões que questiona quem tem competência para ver, quais espaços são reconhecidos como artísticos e como esses espaços são acessados. Conforme Pallamin (2015, p.18) afirma a partilha do sensível é caracterizada por duas vertentes

a da separação entre arte e vida (distanciamento da arte em relação a toda funcionalidade – ou, nos termos de Adorno, a função da arte é não ter função), e a da indiferenciação entre arte e vida (em que a experiência estética tende a incorporar-se àquela comum) (Pallamin, 2015, p.18).

Com base na *Política de Estética* de Rancière, torna-se fundamental buscar formas que transcendam a estética hegemônica. A cultura visual emerge como uma ferramenta potente para provocar rupturas nos tempos e espaços do ver e do dizer, questionando normas e expandindo os horizontes do sensível. Essa abordagem

incorpora o fator surpresa, uma característica marcante da cultura visual, pois não é possível prever como o indivíduo reagirá diante do objeto artístico.

A cultura visual, ao romper com paradigmas preestabelecidos, promove assim, novos modos de experienciar a arte, abrindo possibilidades para a construção de sentidos e subjetividades. Ela nos convida a repensar o papel da arte na sociedade, não apenas como expressão estética, mas como um campo de diálogo, contestação e transformação cultural.

A partir destas reflexões acerca da importância da cultura visual para a formação estética dos indivíduos faremos uma correlação deste processo com a Abordagem Triangular sistematizada pela educadora Ana Mae Barbosa e como esta ação impulsiona o ensino-aprendizagem do componente curricular Arte.

A Abordagem Triangular desenvolvida pela educadora Ana Mae Barbosa, revolucionou o ensino da Arte no Brasil ao propor um ensino de arte que articulasse três eixos principais: produção artística, leitura de imagens (ou análise) e contextualização histórica (Ferraz e Fusari, 2018). Essa abordagem, apresentada nos anos 1980, teve como base a valorização da arte-educação como um campo que vai além da simples reprodução técnica, estimulando o desenvolvimento crítico, criativo e cultural do aluno.

A proposta de Ana Mae surgiu em um contexto de mudanças políticas e sociais no Brasil, marcadas pelo fim da ditadura militar e pela busca por uma educação mais democrática e inclusiva. Inspirada por movimentos internacionais de arte-educação, Ana Mae incorporou princípios de interdisciplinaridade e crítica cultural, adaptando-os às especificidades do contexto brasileiro.

A abordagem triangular consolidou-se como uma alternativa às práticas tradicionais do ensino da Arte, que, até então, limitavam-se ao ensino técnico ou à apreciação superficial de obras. Dessa forma, Ana Mae promoveu uma integração entre fazer artístico, reflexão crítica e compreensão histórica, permitindo que o ensino de Arte se tornasse um espaço de construção de significado.

Para o/a educador/a, a abordagem triangular oferece um caminho estruturado e dinâmico para planejar e executar atividades de Arte. Ela valoriza o papel do/a professor/a como mediador/a, incentivando-o a articular o fazer artístico com reflexões críticas e contextualizações históricas. Essa sistemática ajuda o/a docente a promover práticas pedagógicas que integram teoria e prática, permitindo que o aluno compreenda a Arte não apenas como uma habilidade manual, mas como uma linguagem carregada de significados.

Além disso, esta abordagem contribui para a formação continuada do professor, pois demanda uma atualização constante em relação às linguagens artísticas, aos contextos culturais e às estratégias de ensino. Isso fortalece o papel do educador como um agente transformador, capaz de promover uma educação artística crítica e significativa.

Para o discente a abordagem triangular amplia as possibilidades de aprendizagem ao integrar diferentes dimensões do conhecimento artístico. A produção artística desenvolve a criatividade e a expressão pessoal; a leitura de imagens estimula o pensamento crítico e a interpretação; e a contextualização histórica conecta a Arte ao seu tempo e espaço, permitindo que o estudante compreenda sua relevância cultural e social.

Promove também a autonomia do aluno, ao incentivá-lo a analisar e produzir Arte de forma reflexiva e contextualizada. Por meio da abordagem triangular, o estudante é desafiado a compreender a Arte como um campo de conhecimento vivo e dinâmico, que dialoga com sua própria realidade e identidade.

Entretanto, Barbosa (2014) considera que a ideia da tríade já não satisfaz as demandas pedagógicas, ela considera então que a figura de um zig-zague seria mais interessante a um ensino sistemático como ela afirma na seguinte citação,

Hoje, a metáfora do triângulo já não corresponde mais à organização ou estrutura metodológica. Parece-nos mais adequado representá-la pela figura do zig-zague, pois os professores nos têm ensinado o valor da contextualização tanto para fazer como para o ver. O processo pode tomar diferentes caminhos [...] (Barbosa, 2014, p. 33).

A Abordagem Triangular é, portanto, um marco no ensino da Arte no Brasil, pois transformou a maneira como professores e alunos interagem com esse campo do conhecimento. Ao integrar produção, leitura e contextualização, a metodologia não apenas enriquece a experiência artística, mas também contribui para a formação de cidadãos críticos, criativos e culturalmente conscientes. Sua aplicação nas escolas continua sendo uma referência essencial para uma educação artística transformadora e conectada às demandas contemporâneas.

### 2.3 A Arte pelo viés dos documentos legais

Com a instituição da Lei de Diretrizes e Bases Lei nº 5692/71, que tornou obrigatório o ensino de Arte nas escolas primárias, tendo a nomenclatura de Educação Artística, buscou-se ampliar os cursos de Licenciatura no Brasil com a ideia da polivalência no ensino (o professor deveria dominar o ensino das 4 linguagens artísticas). A concepção sobre o fazer estava muito latente no ensino artístico, sendo cada vez mais necessário uma mudança do modo de ver o mundo por parte dos estudantes. Conforme Barbosa (2014, p. 10) nos afirma,

O currículo de licenciatura em educação artística na universidade pretende preparar um professor de arte em apenas dois anos que seja capaz de lecionar música, teatro, artes visuais, desenho, dança e desenho geométrico, tudo ao mesmo tempo, da primeira à oitava série, e em alguns casos, até o 2º grau (Barbosa, 2014, p. 10).

Já com a instituição da LDB nº 9394/96 em seu Artigo 26, parágrafos 2 e 6 afirma que,

§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica;

§ 6º As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo. (LDB, 2020, p. 21)

Como disciplina obrigatória nos currículos escolares a Arte tem um papel fundamental na formação criadora e estética dos indivíduos, ela faz parte de nossas vidas em diferentes aspectos e nos impulsiona a desenvolver habilidades que são essenciais para o desenvolvimento humano (relações sociais, afetivas, de trabalho, entre outras). O processo estético do Ensino de Arte nas escolas envolve a integração de princípios estéticos e críticos, promovendo o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade e expressão pessoal dos alunos.

Através da arte, os alunos são incentivados a desenvolver um olhar crítico e a valorizar a diversidade cultural, bem como a expressar suas emoções e ideias de maneira única e significativa. O objetivo deste componente curricular não está baseado em apenas despertar talentos artísticos, mas principalmente em formar cidadãos conscientes e sensíveis ao mundo ao seu redor. Entretanto, é necessário compreender que o contato com a arte não acontece somente no espaço escolar. Nossos alunos e alunas já possuem experiências prévias que conferem a eles uma certa visão de mundo a partir da realidade que vivem, cabendo assim à escola e ao educador possibilidades de

provocações para o desenvolvimento sistemático destas experiências com os conteúdos formais.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) representa um marco na educação brasileira, estabelecendo direitos de aprendizagem e um norte para o desenvolvimento curricular em todas as áreas do conhecimento. Através de várias reuniões públicas realizadas pelo Conselho Nacional de Educação discutindo mudanças para o currículo escolar, foi implantada a partir de 2017 o documento da BNCC sobre Educação Infantil e Ensino Fundamental, e no ano seguinte a respeito do Ensino Médio (Silva, 2023).

Este documento fundamenta sua percepção sobre o Ensino de Arte considerando que os saberes e produtos artísticos são resultado da sensibilidade, expressividade e criticidade que permeiam os indivíduos no espaço escolar. A BNCC pontua também a importância do respeito à diversidade cultural, as experiências e vivências artísticas dos estudantes dando ênfase ao protagonismo deles no processo de criação artística (BRASIL, 2018).

No componente curricular Arte, a BNCC apresenta avanços significativos ao enfatizar a importância da pluralidade cultural, da valorização das manifestações artísticas e da integração das linguagens artísticas: Artes Visuais, Música, Dança, Teatro, além da inserção das Artes Integradas, que se articulam com as 6 Dimensões de Conhecimento: Criação, Crítica, Estesia, Expressão, Fruição e Reflexão. Não há uma hierarquia entre elas, mas um direcionamento de como podem ser desenvolvidas nas linguagens artísticas.

Trazemos destaque para a Estesia que fundamenta sua ação na experiência adquirida pelos indivíduos, observando a forma como eles se relacionam consigo mesmo, com os outros e com o mundo como já abordamos em sessões anteriores. Dentre outros elementos que compõem a BNCC temos as Unidades Temáticas, Habilidades e Objetos de Conhecimento concernentes a cada ano escolar de toda a Educação Básica. Na Figura 19 apresentamos como alguns destes elementos estão organizados na BNCC.

Figura 19- Quadro demonstrativo da BNCC da área de conhecimento Arte

ARTES VISUAIS	
OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
1. CONTEXTOS E PRÁTICAS 1.1 Leitura e releitura das obras artísticas locais	(EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.
2. ELEMENTOS DA LINGUAGEM 2.1 Pontos, linhas e formas; 2.2 Cores primárias e secundária; 2.3 Movimento corporal	(EF15AR02) Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.).
3. MATRIZES ESTÉTICAS E CULTURAIS 3.1 Composições abstratas em diferentes tempos e lugares: produções artísticas locais	(EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.
4. MATERIALIDADES 4.1 O fazer artístico do aluno – 4.2 desenho, pintura, dobradura, colagem e modelagem 4.3 montagem, construção - exploração do bidimensional e do tridimensional.	(EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.
5. PROCESSOS DE CRIAÇÃO 5.1 Desenho com interferência; 5.2 Composição de desenho; 5.3 Autorretrato;	(EF15AR05) Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade. (EF15AR06) Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.
6. SISTEMAS DA LINGUAGEM 6.1 Apreciação e reprodução de imagens (fotografia, vídeo, etc.)	(EF15AR07) Reconhecer algumas categorias do sistema das artes visuais (museus, galerias, instituições, artistas, artesãos, curadores etc.).

Fonte: <https://evanildes07.blogspot.com/2020/02>

Entretanto, algumas críticas são cabíveis à abordagem da BNCC em Arte. Uma delas é a ênfase no cumprimento de competências e habilidades que, embora bem-intencionadas, podem limitar a liberdade criativa e a subjetividade no ensino. O risco de transformar a Arte em um instrumento técnico de aplicação de habilidades específicas compromete sua essência como campo de experimentação, expressão e diálogo cultural. Além disso, a BNCC, ao propor uma estrutura curricular única, enfrenta o desafio de atender à diversidade sociocultural brasileira. A padronização pode negligenciar as especificidades locais e regionais, bem como as necessidades formativas de alunos em diferentes contextos.

Outro ponto crítico é a falta de clareza e aprofundamento em relação à formação docente necessária para implementar as propostas do documento. A BNCC exige do professor de Arte um domínio amplo e interdisciplinar, mas não garante uma política estruturada de formação continuada que capacite o educador para lidar com as múltiplas linguagens e demandas do componente curricular.

Apesar dessas questões, a BNCC também oferece contribuições importantes ao propor que o Ensino de Arte seja um espaço para o exercício da sensibilidade, da crítica e da construção de repertórios culturais diversificados. A valorização de manifestações artísticas de diferentes culturas, incluindo indígenas, africanas e populares, contribui para uma educação mais inclusiva e representativa. Além disso, a articulação entre Arte e outros campos do conhecimento favorece práticas pedagógicas inovadoras que ampliam seu papel na formação integral do estudante.

Portanto, a implementação do componente curricular Arte, conforme proposto pela BNCC, exige um olhar atento para os desafios e potencialidades. É necessário garantir flexibilidade curricular para respeitar as especificidades locais, investir na formação e valorização dos docentes, e promover práticas pedagógicas que não apenas cumpram competências, mas estimulem a criatividade, o pensamento crítico e o engajamento cultural dos estudantes. Dessa forma, o ensino de Arte poderá ser verdadeiramente transformador e cumprir seu papel de formar cidadãos sensíveis e atuantes no mundo.

Na Proposta Curricular Municipal de São Luís temos algumas mudanças de ordem conceitual. “Usaremos neste documento a denominação Linguagens Artísticas, quando nos referirmos às Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Para as “Unidades Temáticas” utilizaremos a denominação: Campos de Aprendizagem [...] (São Luís, 2023, p. 251).

A Proposta Curricular de São Luís reconhece a importância de uma abordagem pedagógica que valorize as experiências estéticas e os saberes e fazeres culturais como elementos centrais para a formação integral dos estudantes. Nesse contexto, as artes são concebidas como uma dimensão essencial do conhecimento humano, promovendo o diálogo entre as diversas linguagens artísticas e a construção de significados que atravessam a subjetividade, a cultura e o cotidiano.

Destacando os Campos de Aprendizagem e de acordo com a Proposta de São Luís eles são nomeados como Experiências Estéticas, Saberes e Fazeres Culturais, Poética e Artes Integradas. Dessa forma, faremos uma apresentação sobre estes campos e como podem ser desenvolvidos no Ensino de Arte.

As experiências estéticas ocupam um lugar de destaque na Proposta Curricular (Proposta, 2023), ao proporcionar aos estudantes a oportunidade de vivenciar, sentir e interpretar o mundo por meio das diversas linguagens artísticas. Essas vivências, mediadas por práticas educativas sensíveis, visam desenvolver a capacidade de

percepção, apreciação e criação, estimulando os alunos a explorarem o universo simbólico das artes e suas conexões com a vida.

Os saberes e fazeres culturais representam uma valorização das tradições e manifestações culturais locais e globais. No contexto de São Luís, com sua rica herança histórica e cultural, a proposta privilegia o ensino das expressões artísticas ligadas ao patrimônio cultural, como o tambor de crioula, o bumba meu boi, os azulejos portugueses e as festas populares (São Luís, 2023). A integração dessas práticas no currículo visa não apenas preservar a memória cultural, mas também promover o respeito à diversidade e o fortalecimento da identidade local.

A poética, entendida como o processo de criação artística e cultural, é um eixo fundamental. Ela propõe que o ato de criar seja experienciado como uma atividade reflexiva, transformadora e coletiva. Por meio da poética, os estudantes são estimulados a transformar suas ideias e percepções em produções artísticas, desenvolvendo competências como a autonomia, a criatividade e o pensamento crítico (São Luís, 2023).

O trabalho com Artes Integradas reforça a interdisciplinaridade e a convergência de linguagens artísticas no ambiente escolar. A dança, o teatro, a música, as artes visuais e a literatura são articuladas de maneira a potencializar as experiências educativas e ampliar a compreensão de temas relevantes para a formação cidadã (São Luís, 2023). Essa abordagem promove a interrelação entre os diferentes campos do saber, possibilitando que os estudantes percebam as conexões entre arte, cultura e sociedade.

Em síntese, a Proposta Curricular de São Luís evidencia o papel central das artes na educação como meio de formar indivíduos críticos, sensíveis e atuantes. Ao promover as experiências estéticas, os saberes e fazeres culturais, a poética e as Artes Integradas, a Proposta contribui para a construção de uma educação significativa e conectada às realidades locais, fortalecendo o compromisso com a cultura, a cidadania e a transformação social.

## **2.4 A integração da Arte Urbana no Currículo Escolar**

A Arte Urbana, presente nas ruas, muros e espaços públicos das cidades, emerge como uma poderosa ferramenta educativa, capaz de transformar percepções, provocar reflexões e promover diálogos sobre o espaço em que vivemos. Sua inserção nos conteúdos da disciplina de Arte amplia o olhar dos alunos e alunas para as dinâmicas do

cotidiano urbano, permitindo que reconheçam a cidade como um território de criação, expressão e interação social.

A arte presente nos espaços públicos não é apenas uma manifestação estética, ela carrega em si as marcas da identidade dos habitantes do local onde está inserida. Graffitis, murais, intervenções e performances dialogam diretamente com as pessoas que transitam pelas cidades, comunicando mensagens que questionam, denunciam, celebram ou propõem novas perspectivas sobre os problemas e as riquezas do ambiente urbano. Assim, ao abordar essa temática em sala de aula, é possível estimular nos estudantes uma visão crítica sobre o espaço público, promovendo a análise de como a arte reflete as histórias, lutas e esperanças de sua comunidade.

A integração da Arte Urbana ao currículo escolar também favorece o desenvolvimento de um sentimento de pertencimento e valorização do ambiente em que os cidadãos estão inseridos. Ao compreenderem a cidade como um espaço que pode ser embelezado, ressignificado e transformado por meio da arte, os alunos são incentivados a pensar em soluções criativas e coletivas para os desafios urbanos, fortalecendo sua responsabilidade social e ambiental.

Documentos legais como a BNCC e a Proposta Curricular de Ensino de São Luís já reconhecem a relevância desse tema. A BNCC enfatiza a importância de explorar práticas artísticas que dialoguem com as realidades culturais e sociais dos estudantes, enquanto a Proposta Curricular de São Luís ressalta o potencial da arte urbana para promover o reconhecimento e a preservação do patrimônio cultural (São Luís, 2023).

Ambas apontam para a necessidade de abordar conteúdos que integrem a arte e o espaço público, relacionando-os à noção de patrimônio material e imaterial. Inclusive os livros didáticos que fazem parte do Programa Nacional de Livro Didático (PNLD) já trazem conteúdos que versam sobre Arte no espaço público, enfatizando não apenas artistas do graffiti por exemplo, mas também artistas populares, de grupos teatrais, bonequeiros, repentistas, entre outros. Como podemos observar nas figuras a seguir sobre capítulos que versam sobre o tema em questão.

Figura 20 – Imagem que inicia o capítulo Arte e espaços urbanos do Livro de Arte Telláris



Fonte: Livro Telláris/ Arte 7º ano

Figura 21: Imagem que inicia o capítulo Arte e espaço público do Livro de Arte Telláris



Fonte: Livro Telláris/ Arte 7º ano

As atividades propostas no livro didático que abordam a Arte Urbana são cuidadosamente elaboradas para conectar os estudantes ao tema de maneira prática e significativa, permitindo-lhes compreender sua relevância no contexto cotidiano. Por meio de exercícios variados como: a análise de obras urbanas, discussões sobre o impacto visual e social dessas manifestações, criação de esboços de murais e intervenções artísticas em pequenos grupos, os alunos exploram aspectos como identidade cultural, pertencimento e a resignificação do espaço público.

Essas práticas incentivam não apenas o desenvolvimento de habilidades artísticas, mas também a reflexão crítica sobre como a arte urbana dialoga com questões locais, como a valorização do patrimônio e os desafios urbanos. Assim, as atividades tornam-se uma ponte entre teoria e prática, ajudando os estudantes a reconhecer a importância da arte urbana como expressão cultural e ferramenta de transformação social.

A inserção da Arte Urbana nos conteúdos de Arte vai além de uma abordagem estética. Ela promove o diálogo entre a escola e a cidade, forma indivíduos mais críticos e conscientes sobre suas realidades, e reforça o papel da arte como instrumento de

transformação social. Ao valorizar as manifestações artísticas urbanas, os estudantes são conduzidos a reconhecer e respeitar as diferentes formas de expressão presentes no espaço público, fortalecendo sua identidade cultural e seu compromisso com o ambiente em que vivem.

Além disso, a Arte Urbana propicia discussões sobre cidadania e democratização do acesso à cultura, ao ocupar espaços que tradicionalmente não são destinados à arte. Ao levar essa temática para a escola, os professores têm a oportunidade de trabalhar com os estudantes a ideia de que o espaço público pertence a todos, sendo um campo fértil para a criação e a participação coletiva.

Assim, a importância da apropriação urbana como espaço de produção artística e a escola que está inserida neste local público é responsável pela mudança na atitude de nossos alunos, fazendo-os perceber que a Arte Urbana revela as faces dos indivíduos que nela estão inseridos. Assim, pensar na Arte Urbana no contexto escolar é trazer a ideia de valorização das cidades em suas diferentes manifestações artísticas.

### 3. EXPLORANDO A ESTÉTICA URBANA: UMA METODOLOGIA DE ENSINO EM ARTES VISUAIS

*“Tanto a arte como a ciência acabam sempre por assumir um certo caráter didático na nossa compreensão do mundo, embora o façam de modo diverso: a arte não contradiz a ciência, todavia nos faz entender certos aspectos que a ciência não consegue fazer”. (Silvio Zamboni)*

A pesquisa é um processo de construção social feita com o sujeito pesquisador e seu objeto de estudo. Uma pesquisa não surge do nada, ela parte de uma percepção, de um olhar diferenciado que o pesquisador possui da sociedade, nos levando a aprender como organizar as ideias que vêm sobre nossa mente, que nos inquietam sobre um determinado objeto e de que forma a experiência do pesquisar nos ensina a olhar para os fatos sociais a partir de um viés científico. “A pesquisa social, portanto, apoia-se em dados sociais- dados sobre o mundo social [...]” (Bauer e Gaskell, 20002, p.20).

Goldenberg nos afirma ainda que,

Pesquisa é a construção de conhecimento original, de acordo com certas exigências científicas. É um trabalho de produção de conhecimento sistemático, não meramente repetitivo, mas produtivo, que faz avançar a área de conhecimento a qual se dedica (Goldenberg, 2004, p. 105).

Neste contexto, traremos os resultados e percepções a partir do desenvolvimento desta pesquisa na Unidade de Educação Básica (UEB) 1º de Maio, revelando a experiência estética vivenciada pelos estudantes e pela pesquisadora.

A UEB 1º de Maio fica localizada no bairro Santa Efigênia em São Luís/MA, escola que integra a Rede Pública Municipal de Ensino de São Luís. Esta escola atende alunos do Ensino Fundamental Séries Finais, tendo uma média de 400 estudantes matriculados nos turnos matutino e Vespertino, 20 professores, 2 gestoras, 2 secretárias, 2 cozinheiras e serviço de portaria com 3 porteiros. A escola possui 6 salas de aula, 1 biblioteca, 3 banheiros, sala de professores, secretaria, sala da direção, cozinha, quadra poliesportiva, dispõe de rede de Wi-Fi e aparelhos eletrônicos como Datashow, caixa de som, 2 computadores, impressora e microfone.

Esta escola está inserida em uma localidade muito afetada por problemas que vão desde o saneamento básico até questões de segurança pública em aspectos como

roubo, comércio de entorpecentes entre outros. Neste cenário, os alunos e alunas que pertencem ao corpo escolar trazem suas vivências e olhares acerca do ambiente em que vivem. Dessa forma, nossa pesquisa traz esta reflexão na articulação que deve haver entre Escola-Família-Comunidade.

A relação entre escola, família e comunidade é fundamental para o desenvolvimento integral dos estudantes, pois promove uma educação mais contextualizada e significativa. Quando esses três pilares atuam de forma colaborativa, criam-se oportunidades para que o aprendizado ultrapasse os limites da sala de aula, conectando os conteúdos escolares às vivências cotidianas e culturais dos alunos. Sol; Sá e Ferreira (2021) nos afirmam que,

Pensar as relações dentro e fora da escola requer mergulhar nas práticas socioculturais, porque se torna inconsistente pensar em uma escola isolada do mundo que a cerca, pois o ser humano é um ser social, que convive além da escola, com a família e com a sociedade. Um ensino proveitoso, dinâmico, renovador, inspirador precisa atentar para as dimensões que estão vinculadas à escola, pois o estudante que hoje está aprendendo na escola, brevemente oferecerá retorno para a sociedade, sendo útil nas soluções de desafios sociais, políticos, econômicos, familiares, profissionais etc (Sol; Sá; Ferreira, 2021, p. 10).

Nesse sentido, a interação entre escola, família e comunidade potencializa essa transformação, fortalecendo laços de pertencimento, dialogando com as realidades locais e estimulando a construção de cidadãos críticos e participativos. Essa parceria contribui para que a educação seja um processo contínuo e compartilhado, onde todos se tornam responsáveis pelo desenvolvimento das novas gerações.

### 3.1 Abordagem da Pesquisa

Esta pesquisa apresenta uma **abordagem quanti-quali, de natureza aplicada e sobre os objetivos é tida como explicativa.**

A abordagem quanti-quali se destaca por explorar percepções, significados e contextos, priorizando a interpretação dos dados e o aprofundamento em aspectos subjetivos que não podem ser mensurados quantitativamente. Como bem nos afirma Goldenberg (2011, p. 62):

A integração da pesquisa quantitativa e qualitativa permite que o pesquisador faça um cruzamento de suas conclusões de modo a ter maior confiança que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de alguma situação particular (Goldenberg, 2011, p.62).

Sendo de natureza aplicada, esse tipo de pesquisa busca gerar conhecimentos voltados para resolver problemas práticos ou propor soluções que tenham utilidade direta em contextos específicos, como é esta na área da educação. Já o objetivo explicativo confere à pesquisa o propósito de identificar relações de causa e efeito, analisando os fatores que contribuem para a ocorrência de determinado fenômeno, bem como explicar seus resultados e aplicações no cotidiano.

Como instrumento de coleta de dados utilizamos questionários. Os resultados destes questionários foram coletados e analisados em gráficos e quadros como veremos mais à frente. A respeito dos **procedimentos destacamos a pesquisa bibliográfica** realizada em livros, dissertações, monografias, artigos; **a pesquisa de campo realizada no ambiente escolar, observação direta e elaboração de um plano de trabalho sobre as propostas de Intervenção Urbana** na escola a partir das diferentes técnicas de Artes Visuais

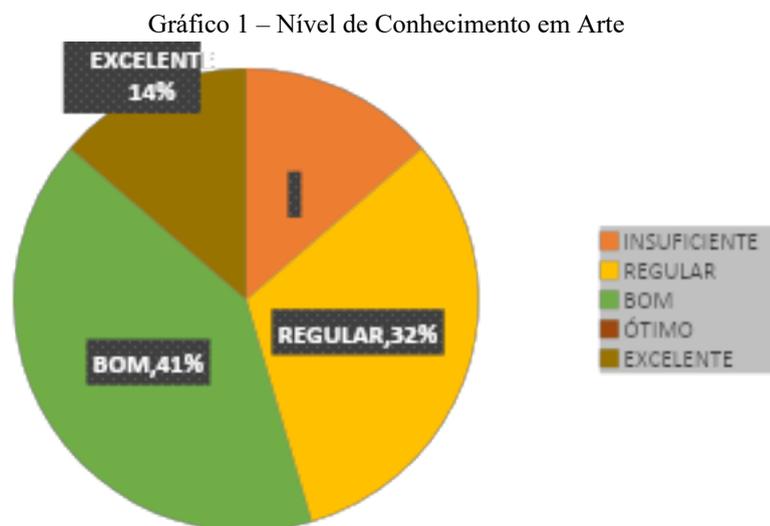
Para a realização da nossa pesquisa realizamos a escolha do público que integraria as etapas de trabalho, dessa forma participaram da pesquisa **44** alunos de três turmas do 9º ano do Ensino Fundamental nas Séries Finais, com idade entre 14 a 18 anos. Em relação ao sexo, 50% são mulheres e 50% são homens. Este público participou de todo processo da pesquisa desde as aulas iniciais sobre Arte Urbana, questionário, oficina e avaliação final de todo processo. Vale ressaltar que estes alunos são acompanhados desde o 7º ano, período em que iniciaram as discussões e debates sobre Arte Urbana nos conteúdos propostos pelo Livro Didático.

### **3.2 Análise dos Resultados**

Baseado nos dados obtidos através dos questionários (Apêndice A) apresentamos o resultado das respostas apresentadas pelos/as participantes. O questionário foi composto por 2 blocos totalizando 11 perguntas, sendo que o 1º tinha como objetivo fazer um levantamento do perfil dos participantes (como apresentado no parágrafo anterior), bem como averiguar o nível de conhecimento artístico dos mesmos. Já o 2º bloco trazia questionamentos específicos sobre Arte Urbana.

Partindo do 1º bloco e sendo a 1ª pergunta relacionada ao perfil dos alunos e alunas, passamos logo para a apresentação da questão 2. Foi perguntado *em uma escala de 1 a 10 como eles avaliavam seus conhecimentos sobre Arte? Sendo que de 1-4 (insuficiente), 5-6 (regular), 7-8 (bom), 9 (ótimo) e 10 (excelente)*. No Gráfico 1 temos a

amostra do que foi obtido sendo que 55% consideram excelente e bom o nível de conhecimento em Arte, enquanto que 45% de regular a insuficiente, somando os índices apresentados.



Fonte: Dados do questionário

Percebemos que o trabalho desenvolvido na escola ao longo dos anos na disciplina Arte tem ajudado os alunos a ampliarem seus repertórios culturais, artísticos e conceituais. Entretanto, temos o empecilho da carga horária que acaba dificultando o desenvolvimento mais sistematizado dos conteúdos e atividades. A exemplo da Rede Municipal de São Luís, temos somente 2h/aulas de Arte para as séries do 6º e 7º anos, e para os 8º e 9º anos, apenas 1h/aula.

Prosseguindo nossa apresentação dos dados, a 3ª questão buscava saber segundo a *opinião dos estudantes em que espaços podemos encontrar Arte*. Dentre as opções apresentadas, 21 responderam que arte pode estar nos muros das cidades, 15 responderam nas galerias de arte, 14 nos museus, 12 nos teatros e 5 sinalizaram outros lugares como feiras culturais, desfiles e televisão.

Gráfico 2 - Espaços em que podemos encontrar Arte:

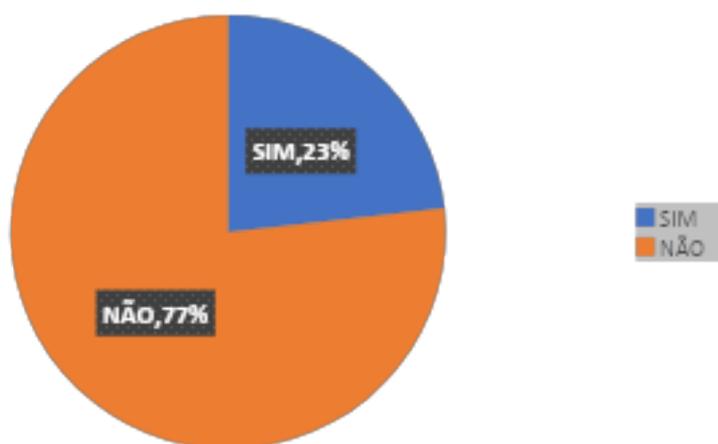


Fonte: Dados do questionário

Observa-se que a compreensão sobre o lugar da arte é diversificada e que eles e elas já percebem que esta área de conhecimento não está restrita apenas a museus e galerias, mas que já adentra a outros ambientes como espaço da rua.

Como 4º questionamento buscamos saber se os/as estudantes *conhecem algum artista da Arte Urbana*, sendo 77% responderam que não e 23% disseram sim. O que nos permite entender o quanto os artistas urbanos precisam ser mais valorizados e terem seus trabalhos conhecidos, principalmente artistas do próprio bairro ou cidade dos estudantes. Conhecer e valorizar o que é nosso ajuda no processo de pertencimento que muitos dos nossos alunos e alunas precisam desenvolver em relação ao local que vivem.

Gráfico 3 - Conhece algum artista de rua?



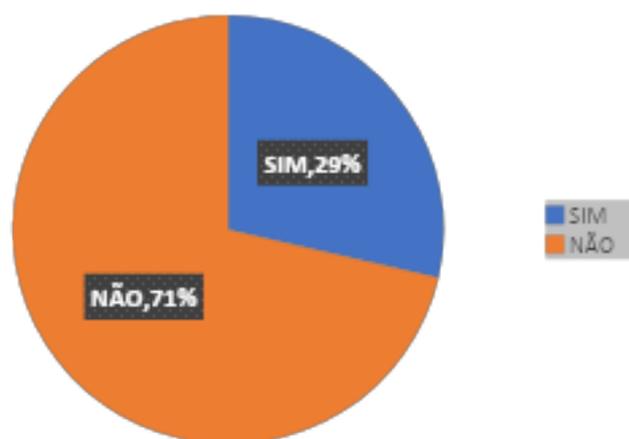
Fonte: Dados do questionário

Na 5ª questão ainda do bloco 1, foi perguntado se os *estudantes participavam de atividades artísticas*, 71% responderam que não e apenas 29% disseram que sim. Os

que responderam sim descreveram que participaram de grupos de dança, teatro, alguns fazem desenhos e pinturas, outro afirmou que já participou de atividades de grafiteagem, outra de balé clássico e por último produção de roupas do Bumba Meu Boi.

É importante destacar, que muitos destes/as alunos/as não têm acesso aos bens culturais, por ser uma falta de incentivo dos próprios responsáveis, escassez de práticas artísticas no bairro que moram ou até mesmo por interesse individual. Mas pela nossa experiência, a falta de acesso a práticas artísticas no bairro é um ponto que faz com que essa porcentagem negativa seja tão alta.

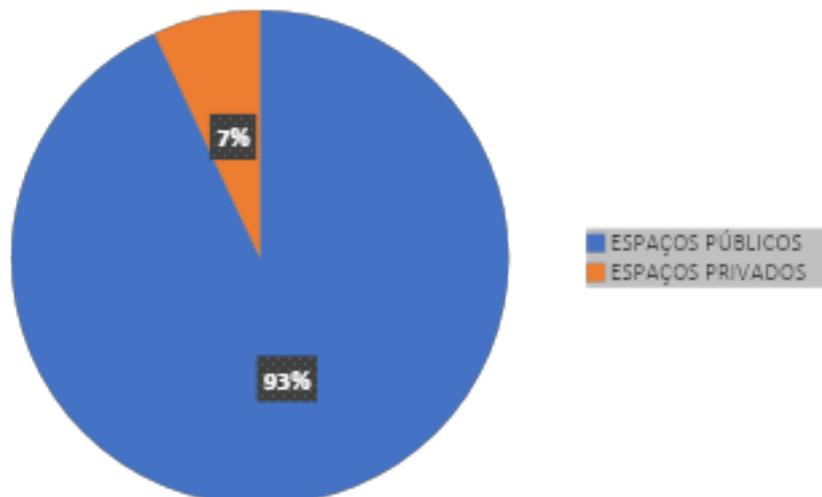
Gráfico 4 - Participação em atividades artísticas



Fonte: Dados do questionário

Partindo para a análise das questões do bloco 2 composta por 6 questões abordamos pontos mais específicos acerca da Arte Urbana. Assim, na questão 1 foi perguntado em que *local é desenvolvida a Arte Urbana*, sendo que 93% responderam que ocorre em espaços públicos e 7% disseram que em espaços privados. Percebemos que já há uma breve noção do que seja público e privado em relação ao espaço urbano, o que torna um fator de importante discussão em sala de aula considerando também aspectos como política, economia, cultura etc, e como os indivíduos se relacionam nesses ambientes.

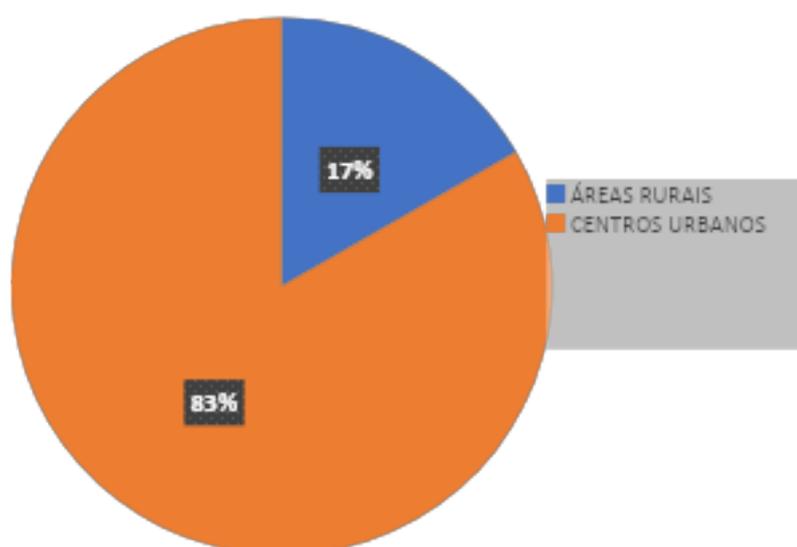
Gráfico 5 - Local em que é desenvolvida a Arte Urbana



Fonte: Dados do questionário

Sobre a 2ª pergunta indagamos *sobre os materiais que se utilizam na Grafiteagem* 99% afirmou ser a tinta spray, enquanto 1 participante citou a tinta a óleo. Na 3ª questão perguntou-se onde *a Arte Urbana era mais comum*, sendo que 83% respondeu que em áreas urbanas e 17% em áreas rurais. Resultado de corroborar com a questão anterior e que precisa ser melhor trabalhada no espaço escolar considerando também outros componentes curriculares.

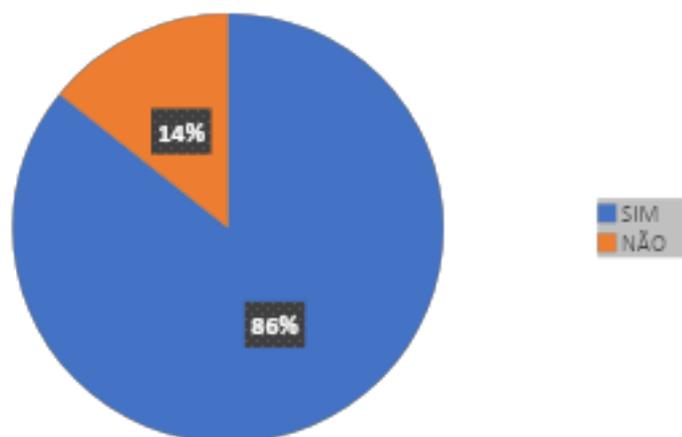
Gráfico 6 – Onde a Arte Urbana é mais comum?



Fonte: Dados do questionário

A respeito da 5ª pergunta os alunos e alunas foram indagados se já haviam visto algum graffiti, os quais 86% afirmaram que sim e 14% não.

Gráfico 7 - Você já viu algum Graffiti?



Fonte: Dados do questionário

Na 6ª e última pergunta foi solicitado que eles explicassem com suas palavras a diferença entre Pichação e Grafiteagem, os quais emitiram as seguintes.

Quadro 1: Diferença entre Pichação e Grafiteagem

Fonte: Dados do questionário

“A grafiteagem é uma forma de expressão artística, enquanto que a pichação é um crime de vandalismo”.
“Pichação são pinturas feitas em lugares públicos que não é permitido e grafite é feito legalizado.”
“Pichação é crime, já o grafite não.”
“Na minha opinião o grafite seria mesmo um tipo de arte, já a pichação na minha opinião seria vandalismo, pois muitas das vezes têm linguagem inapropriada ou símbolos que provoquem violência”.
“Pichação não tem autorização do governo e Grafite sim.”
“Pichação é botar parada de facção e grafite é botar desenhos etc...”
“Pichação é uma Arte proibida e Grafite é Arte pública.”
“Pichação é vandalismo e grafite é arte.”
“Pichação é o que vemos nas paredes das escolas e diversos outros lugares. Grafite é algo totalmente diferente, as formas das letras e desenhos são de uma forma arredondada e desenhos cheios de cores.”

A partir das colocações apresentadas pelos/as estudantes, aferimos que muitos ainda possuem essa concepção dual sobre Pichação como símbolo de vandalismo e

Grafitagem como expressão artística. Discussões são pertinentes e partem do conceito dos termos que deve ser discutido e ampliado no espaço de sala de aula. Ao se depararem com o valor histórico e técnico de algumas expressões, a concepção sobre Arte Urbana amplia-se e traz outras possibilidades de fazer e pensar o estético no espaço urbano.

A par destes resultados abordaremos no próximo tópico as etapas desenvolvidas na realização das oficinas situando o leitor sobre a experiência estética vivenciada pelos discentes da UEB 1º de Maio.

### 3.3 Processos Criativos e Vivências Estéticas

Criar e imaginar são tão importantes para a compreensão do objeto artístico e aprendizagem estética, que é quase que indissociável essas duas ações. A criação de acordo com Duarte Jr (2012) é um ato de rebeldia, que busca rupturas, mudanças, mas não negando a realidade existente, mas proporcionando novas experiências e formas de ver aquilo que já nos foi apresentado. E segundo Fayga Ostrower:

[...] criar não representa um relaxamento ou um esvaziamento pessoal, nem uma substituição imaginativa da realidade; criar representa uma intensificação do viver, um vivenciar-se no fazer; e, em vez de substituir a realidade, é a realidade; é uma realidade nova [...] Ostrower (2014, p.28).

Entendemos assim, que o ato de criação é essencial para o desenvolvimento de uma aprendizagem que valorize as vivências dos discentes. Não se pode mais conceber um Ensino de Arte baseado na repetição, na cópia, é necessário que haja o estímulo para o desenvolvimento das habilidades de cada sujeito aprendente, respeitando as particularidades e opiniões de cada um. Assim, o Ensino de Arte, no espaço escolar possui elevada importância para o desenvolvimento da criticidade, a busca pelo respeito às diferenças e à interculturalidade.

Por isso, ao convidarmos o artista ludovicense Edi Bruzaca para a ministração de oficinas de Grafitagem na escola, os alunos e alunas puderam vivenciar processos de criação que são inerentes ao trabalho artístico. Veremos nos escritos e nas imagens a seguir como esta experiência proporcionou novas percepções estéticas aos nossos estudantes.

Sabemos que todo trabalho exige um planejamento, por isso, elaboramos uma Sequência Didática (Quadro 1) que visava direcionar nossas tarefas juntamente com o

artista a fim de proporcionar aos estudantes um olhar educacional-crítico sobre o exercício da Arte Urbana através do Graffiti.

Quadro 2 - Sequência Didática das Oficinas de Grafite para alunos do 9º Ano

<p><b>OBJETIVO GERAL:</b> Proporcionar aos alunos uma experiência prática e reflexiva sobre o grafite como forma de expressão artística, abordando suas técnicas e possibilidades de intervenção no espaço urbano.</p>		
<p><b>Introdução à Arte Urbana: Origem e técnicas</b></p>	<p><b>Oficina 1</b></p>	<p><b>Oficina 2</b></p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aula dialogada com uso de imagens e vídeos sobre Arte Urbana. Ministrado pela professora da disciplina.</li> <li>- Exibição de vídeos e imagens de grafites de diferentes estilos e cidades.</li> <li>- Discussão sobre o grafite: O que é grafite? Quais as diferenças entre arte de rua e vandalismo? Como o grafite pode ser uma forma de resistência cultural e expressão social?</li> </ul>	<p><b>Apresentação doicineiro:</b> O artista convidado faz uma breve introdução sobre sua trajetória artística, experiências com grafite e como o grafite pode ser uma ferramenta de expressão.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação dos materiais necessários para o grafite: sprays, estêncil, máscaras, luvas, fitas adesivas, papel kraft (para testes), e suportes como telas ou madeira.</li> <li>- Demonstração prática de como manusear os sprays com segurança.</li> <li>- Explicação sobre a utilização das máscaras e a importância da proteção para a saúde ao trabalhar com tinta spray.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Lembrar brevemente o que foi aprendido na primeira oficina.</li> <li>- Explicar a proposta do mural coletivo: Criar uma obra colaborativa que combine diferentes elementos, estilos individuais.</li> <li>- Escolha dos temas dos murais: Educação, Cultura Popular, Esporte.</li> <li>- O grupo de alunos será dividido em equipes pequenas para planejar diferentes partes do mural.</li> <li>- Discussão e elaboração de esboços no papel, com a colaboração de todos para definir como os diferentes estilos de grafite se integrarão no mural coletivo.</li> <li>- Definir áreas do mural para uso de stencil, sombreamento e outros detalhes artísticos.</li> <li>- Oicineiro acompanhará e orientará os alunos na execução das técnicas, garantindo a segurança e a fluidez da produção artística.</li> </ul>
<p><b>ORIENTAÇÕES:</b> Após a finalização do mural, o grupo irá revisar e discutir o trabalho coletivo, refletir sobre o processo de criação e os desafios enfrentados durante a produção. Cada aluno pode explicar o que desenhou e como contribuiu para a obra final. O mural poderá ser fotografado para apreciação da comunidade escolar.</p>		

**AValiação:** A avaliação será contínua, observando a participação dos alunos nas atividades, a aplicação das técnicas de grafite, o trabalho colaborativo no mural e a reflexão sobre o processo artístico. Ao final da segunda oficina, os alunos deverão responder uma avaliação escrita sobre o que aprenderam e como a arte do grafite pode ser um meio de expressão.

**RECURSOS:** Sprays de tinta (em diversas cores)  
 Máscaras e luvas de proteção  
 Datashow  
 Vídeos  
 Fotografias  
 Papelão  
 Estênceis prontos para aplicação  
 Fitas adesivas para delimitar áreas e criar bordas  
 Painel ou parede para o mural coletivo  
 Escada

Fonte: Material da pesquisadora

Como descrito na sequência didática tivemos uma aula dialogada apresentando aos estudantes o processo de construção da Arte Urbana, conceitos, estilos, artistas, entre outros aspectos concernentes a esta etapa. Os alunos e alunas mostraram-se motivados e participativos fazendo considerações a partir do que lhes era apresentado.

No dia seguinte já iniciamos a primeira oficina com a participação do artista convidado Edi Bruzaca<sup>5</sup> (Figura 22), que prontamente atendeu o convite para o compartilhamento de sua experiência enquanto artista urbano. Sua participação iniciou-se com uma apresentação de seu perfil acadêmico e profissional, dificuldades e projetos desempenhados pelo artista. Bruzaca fez a apresentação dos diferentes materiais utilizados na produção de *graffitis* e suas formas de uso, além dos equipamentos de proteção necessários para o manuseio.

---

<sup>5</sup> Edi Bruzaca é graduado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Maranhão, iniciou sua atividade artística em meados de 2000 grafitando os muros da comunidade do São Cristóvão, periferia de São Luís, onde sempre residiu. Articulador, esteve engajado em várias iniciativas de cultura de rua em prol do graffiti maranhense. Participou de inúmeros eventos e festivais para representação do seu estado, no cenário nacional e internacional. Fonte: [www.rtdomaranhao.blogspot.com/2016/01/edi-bruzaca-e-o-graffiti-em-sao-luis.html](http://www.rtdomaranhao.blogspot.com/2016/01/edi-bruzaca-e-o-graffiti-em-sao-luis.html)

Figura 22 – Edi Bruzaca ministrando oficina



Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora

Figura 23 – Demonstração do uso de tinta spray



Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora

Figura 24- Edi Bruzaca com alunos do 9º ano



Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora

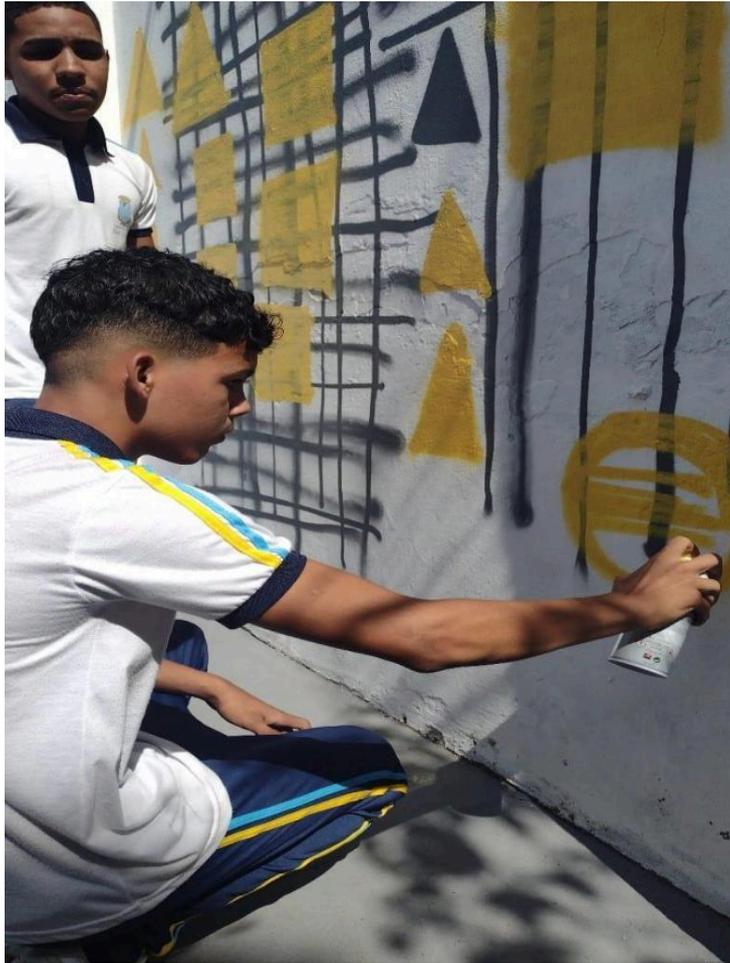
Após este processo introdutório os estudantes foram divididos em 8 grupos e direcionados para as divisões no muro a qual foi realizado o trabalho. Após este momento o artista foi realizando trabalhos de coordenação motora fazendo com que os alunos grafitassem linhas verticais e horizontais, mantendo o controle do uso da tinta spray. Em seguida realizaram desenhos de formas geométricas para que soubessem como preencher desenhos com diferentes formatos. Ao concluírem esta etapa cada equipe deveria pensar qual tema iriam desenvolver através do *graffiti* no segundo dia de oficina.

Figura 25- Alunos trabalhando direção de linhas na parede



Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora

Figura 26 – Alunos trabalhando pintura com formas geométricas



Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora

Figura 27 – Aluna traçando linhas com tinta spray



Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora

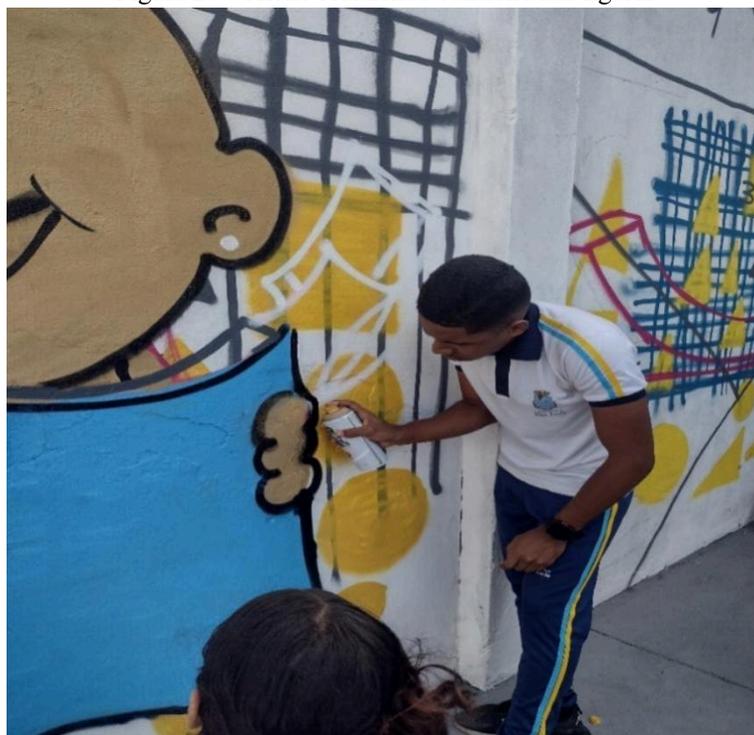
Com os temas definidos cada grupo iniciou o processo de desenho nas paredes. Alguns alunos tiveram dificuldades nesta etapa de ampliação, pois desenhar uma imagem no papel é diferente quando comparado a um muro. Mas cada equipe foi estabelecendo estratégias que foram sendo direcionadas por Edi Bruzaca.

Figura 28- Alunos preenchendo desenhos



Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora

Figura 29 – Aluno realizando contorno nas figuras



Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora

Figura 30 – Alunos dialogando sobre etapas da produção do Graffiti



Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora

Cada integrante do grupo estava responsável por desenvolver uma parte da pintura, mas o trabalho em equipe ficou muito evidente, pois os que tinham mais habilidade ajudavam os que apresentavam maior dificuldade na execução da técnica. Algumas alunas por exemplo, foram designadas para o trabalho com as máscaras de stencil experimentando assim, novas técnicas de produção artística.

Figura 31 – Alunas experimentando a técnica de Stencil



Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora

Dessa forma, as equipes conseguiram finalizar seus murais e puderam visualizar o resultado do que aprenderam com o artista. Com essas oficinas, os alunos do 9º ano tiveram a oportunidade de vivenciar o *graffiti* de forma prática, desenvolvendo habilidades artísticas enquanto exploraram a importância dessa manifestação cultural nas ruas e na Arte Contemporânea.

Figura 32 - Grupo de alunos observando resultado de alguns painéis



Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora

Figura 33 – Grupo de alunos com a pesquisadora



Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora

Figura 34 – Fotografia com parte dos alunos participantes



Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora

Após a realização das oficinas partimos para uma análise reflexiva (Apêndice B) a respeito do processo de criação dos murais de graffiti. As perguntas eram abertas e tinham como objetivo possibilitar um olhar mais crítico dos alunos acerca da produção artística. Realizamos um compilado das respostas, pois muitas ideias acabaram se equiparando.

Dessa forma, na 1º pergunta buscamos saber como *cada uma descreveria sua primeira experiência com a técnica de grafiteagem*. A maioria respondeu como sendo uma experiência fácil e desafiadora ao mesmo tempo.

Na pergunta 2 indagamos a respeito *do que haviam aprendido sobre a história do grafite durante a oficina*. Os alunos e alunas relataram que aprenderam sobre a origem da grafiteagem que se deu nos Estados Unidos entre as décadas de 1960 e 1970, dando ênfase ao contexto histórico.

A respeito da 3º questão eles/as deveriam relatar *o que acharam mais interessante na oficina*, os/as quais disseram ser a parte prática, destacando os tipos de bicos do spray, quando fizeram o desenho do casarão e os azulejos com stencil e uso da tinta spray.

Sobre o 4º quesito perguntamos *como a grafiteagem pode ser usada como forma de expressão artística e social*, eles/as responderam que ela pode ser usada como forma

de expressão de sentimentos, de crítica social, pode mostrar sobre diferentes culturas, usando frases motivadoras.

A 5ª questão perguntava *se os/as estudantes conseguiram aplicar suas ideias e criatividade nas atividades propostas, e o que haviam criado*. Quem respondeu sim relatou que conseguiu fazer campo de futebol, uma bonequinha, Tambor de Crioula, Casarão, outro conseguiu desenvolver as técnicas ensinadas pelo artista.

No 6º quesito, *indagou-se sobre o uso dos materiais específicos da grafiteagem, como spray de tinta*. Sobre esta experiência eles/as consideraram divertido, difícil, interessante e desafiador.

A respeito da 7ª pergunta buscamos saber *se a oficina mudou sua percepção sobre o grafite enquanto Arte Urbana*, sobre a qual alguns alunos responderam que conseguiram compreender melhor a importância desta forma de arte para o embelezamento das cidades e outros afirmaram que a Arte Urbana pode ser uma forma dos indivíduos usarem como forma de protesto e expressão de ideias.

Sobre a 8ª pergunta *indagamos como os alunos se sentiram ao colaborarem com seus colegas em atividades práticas durante a oficina*, os quais responderam que se sentiram felizes e dispostos nas trocas de experiência. Já na questão 9 foi perguntado a opinião dos estudantes sobre o uso da grafiteagem como uma ferramenta importante na Educação, os mesmos disseram que o *graffiti* é importante, pois pode tirar pessoas do vício das drogas, da violência, pode ajudar a comunidade dando visibilidade a seus problemas sociais.

Finalizando assim, a apresentação das avaliações, temos que na 10ª questão buscamos saber *como a experiência da oficina impactou a visão dos estudantes sobre o uso do espaço público para intervenções artísticas*. Os/as alunos/as disseram que as oficinas os ajudaram a ver o espaço da rua como uma forma de produção de arte que embeleza a cidade, e mostra talentos de diferentes artistas.

Percebemos que o processo de apropriação estética a partir do espaço urbano e técnicas visuais foi uma importante oportunidade para que os estudantes pudessem ampliar seus olhares sobre o bairro e a cidade em que vivem. Conhecer diferentes artistas, produções urbanas e experimentar o *graffiti*, permitiu o desenvolvimento de uma crítica social e ao mesmo tempo de domínio artístico necessários para a aquisição de habilidades e competências como previsto pelos documentos legais e propostas curriculares que regem nosso sistema educacional.

### 3.4 Expectativas e Resultados

A pesquisa desenvolvida sobre Arte Urbana com os alunos do 9º ano da UEB 1º de Maio buscou investigar o impacto dessa manifestação artística no contexto escolar e sua relação com a apropriação cultural do espaço urbano. A proposta surgiu da necessidade de ampliar a compreensão dos estudantes sobre a arte como ferramenta de expressão e transformação social. Desde o início, havia a expectativa de que os alunos pudessem não apenas conhecer a Arte Urbana, mas também experimentar na prática suas possibilidades criativas.

As oficinas foram estruturadas em duas etapas, envolvendo inicialmente um debate sobre a Arte Urbana e sua relevância histórica e social. Os alunos foram incentivados a refletir sobre a presença da arte nas cidades, discutindo a diferença entre vandalismo e manifestação artística. Essa fase teórica foi fundamental para que compreendessem o potencial comunicativo do graffiti e sua importância na construção da identidade cultural dos espaços urbanos.

Em seguida, o artista Edi Bruzaca foi conduzindo o processo de intervenção nos muros da quadra da escola. Sua presença foi essencial para aproximar os alunos da realidade dos artistas urbanos, permitindo-lhes vivenciar de perto o processo criativo dessa expressão artística. Durante as oficinas, os estudantes aprenderam sobre técnicas, materiais e conceitos estéticos do graffiti, o que os motivou a criar suas próprias obras.

Uma das maiores expectativas do projeto era possibilitar que os alunos realizassem intervenções artísticas em espaços públicos no entorno da escola. No entanto, essa proposta encontrou um obstáculo significativo: a falta de segurança nas áreas externas à escola. A insegurança impossibilitou a exploração de murais urbanos, restringindo as atividades à quadra escolar. Essa limitação evidenciou um problema recorrente na relação entre educação e cidade, dificultando o acesso dos estudantes ao espaço público como local de aprendizado e expressão.

Apesar dessa restrição, os alunos demonstraram entusiasmo ao transformar a quadra escolar em um verdadeiro painel de arte. As criações refletiram temas que iam desde cultura popular, esporte até sobre povos originários do Brasil, revelando o potencial expressivo e reflexivo dos estudantes. A experiência mostrou que, mesmo dentro de um espaço limitado, a Arte Urbana pode ser uma poderosa ferramenta pedagógica para ampliar horizontes e incentivar a criatividade.

O protagonismo dos alunos foi um dos principais resultados da pesquisa. Ao se apropriarem do processo artístico, passaram de espectadores a agentes ativos da produção cultural. Essa vivência fortaleceu a autoestima dos participantes, que se sentiram valorizados ao verem suas obras expostas e reconhecidas pela comunidade escolar. O impacto foi tão positivo que gerou interesse em continuar explorando o graffiti em outras oportunidades, consolidando a arte como um meio de expressão acessível e significativo.

Outro ponto relevante foi a relação entre Arte Urbana e identidade cultural. Muitos estudantes passaram a enxergar o graffiti não apenas como uma forma de arte, mas como um meio de ressignificar espaços e promover pertencimento. Esse aspecto reforçou a importância da educação artística na construção da cidadania, evidenciando como a arte pode transformar a percepção que os jovens têm do ambiente em que vivem.

A pesquisa também demonstrou que o Ensino de Arte precisa ir além das abordagens tradicionais, incorporando práticas que dialoguem com a realidade dos alunos. O contato direto com o graffiti permitiu que os estudantes compreendessem a importância da arte no cotidiano e estimulou o pensamento crítico sobre as dinâmicas urbanas e sociais. Isso reforça a necessidade de políticas educacionais que valorizem o ensino da Arte como um campo essencial para o desenvolvimento humano.

Diante dos resultados obtidos, fica evidente que projetos como esse devem ser incentivados e ampliados. A Arte Urbana se mostrou uma ferramenta potente para engajar os alunos, despertar o interesse pela cultura local e fortalecer a expressão artística na escola. Contudo, a dificuldade de acesso a espaços externos destaca a urgência de investimentos em segurança pública, permitindo que os estudantes possam vivenciar a cidade de forma plena e segura.

Assim, entendemos que o ensino da Arte Urbana é uma estratégia inovadora e eficaz para potencializar o aprendizado e estimular o protagonismo estudantil. Mesmo diante dos desafios estruturais, a experiência foi enriquecedora e demonstrou como a arte pode ser um instrumento de transformação individual e coletiva. O resultado da pesquisa só reforça a necessidade de integrar cada vez mais a Arte ao currículo escolar, garantindo que os alunos tenham oportunidades concretas de expressão e pertencimento dentro e fora da escola.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais da nossa pesquisa intitulada *Arte Urbana: Uma Experiência Estésica No Processo De Ensino De Artes Visuais* buscam sintetizar a relevância dos objetivos específicos alcançados, evidenciando as contribuições para a compreensão e valorização da Arte Urbana no contexto contemporâneo e escolar.

Dessa forma, o primeiro objetivo, que propunha a realização de estudos bibliográficos sobre o processo de construção da Arte Contemporânea e sua relação com a Arte Urbana, permitiu compreender as transformações históricas e sociopolíticas que marcaram essas linguagens artísticas. A pesquisa destacou a importância da Arte Urbana como um meio de expressão crítica e acessível, que dialoga com as demandas da sociedade contemporânea e reflete as diversas vozes presentes nos espaços públicos. Essa relação também reforça o papel da arte como ferramenta de conscientização e intervenção social

A partir dos teóricos estudados obtivemos informações que nos ajudaram na construção de um pensamento crítico a respeito da Arte Contemporânea e as mudanças que provocou no campo artístico, corroborando para a formação de uma Arte Urbana que remete às questões sociais, políticas e culturais do local a qual está inserida.

A compreensão sobre a dinâmica das cidades nos levou à reflexão sobre a forma que nos relacionamos com o espaço urbano. Transitamos por ele todos os dias movidos pela dinâmica frenética e acabamos por não atentarmos para a apreciação deste ambiente que envolto por cores, formatos, arquitetura, imagens. A cidade revela a identidade dos indivíduos que nela habitam, suas formas de pensar, suas transformações sociais, políticas e culturais. Por isso, a apropriação deste espaço é ação primordial para o desenvolvimento de uma estética e de uma formação cultural.

Ao abordar o segundo objetivo que trazia como ideia *perceber como o espaço urbano ao redor da escola é ocupado tanto pela comunidade local quanto pela escolar, estabelecendo um diálogo sobre sua ação sociocultural e política*, observou-se que o espaço urbano é um palco dinâmico de interações socioculturais e políticas. A análise das formas como a comunidade local e a escolar ocupam esses espaços evidenciou a importância do diálogo entre diferentes atores sociais. Essa perspectiva promoveu uma reflexão sobre como a ação coletiva pode transformar o ambiente urbano em um espaço de pertencimento, colaboração e expressão artística, contribuindo para a construção de uma cidadania ativa.

Nesse contexto, a inserção da Arte Urbana nos currículos escolares se mostra fundamental. *Graffitis*, murais e demais formas de intervenções urbanas não apenas enriquecem a paisagem visual das cidades, mas também refletem as identidades, histórias e lutas das comunidades em que estão inseridos. Ao trazer este para o ambiente escolar, os/as educadores/as proporcionam aos alunos e alunas uma compreensão ampliada do espaço público, incentivando-os a pensar criticamente sobre o papel da arte na construção de cidades mais humanas, inclusivas e democráticas. Essa abordagem está em conformidade com os documentos legais apresentados que normatizam o Ensino de Arte, reforçando a conexão entre arte, cultura e cidadania.

Refletir sobre a Arte Urbana no contexto do espaço escolar propondo uma análise a partir do trabalho de artistas maranhenses refere-se ao terceiro objetivo, e nos trouxe a reflexão sobre a Arte Urbana no contexto do espaço escolar. Por meio do trabalho do artista urbano Edi Bruzaca, foi estabelecida uma aproximação entre os alunos e sua arte, promovendo a mediação através de sua experiência enquanto grafiteiro e o fazer artístico nas oficinas ministradas na UEB 1º de Maio.

Ao reconhecer a riqueza da produção artística urbana, foi possível despertar nos estudantes um senso de identidade cultural e valorização de seu próprio território, partindo de temas que fazem parte do cotidiano dos estudantes, como esporte, cultura popular, educação, povos originários. Essa experiência também incentivou o pensamento crítico e a compreensão do papel da arte como um elemento essencial na construção de narrativas locais e globais.

Esse processo de formação estética mediado pela Arte-Educação, é essencial para transformar os estudantes em indivíduos que não apenas transitam pelo espaço público, mas que também se apropriam dele de maneira crítica e consciente. Essa formação estimula a capacidade de interpretar e ressignificar o ambiente ao seu redor, transformando pensamentos em ações e promovendo mudanças sociais e culturais. Assim, a Arte-Educação, ao integrar temas como a Arte Urbana, contribui para a construção de sujeitos capazes de atuar como agentes transformadores, valorizando o espaço público não apenas como um lugar de passagem, mas como um território de expressão, convivência e transformação.

A respeito do quarto objetivo, que visou *experimentar diferentes técnicas em Artes Visuais trabalhadas na Arte Urbana*, consolidou-se como uma oportunidade de exploração criativa. A prática artística revelou as múltiplas possibilidades do fazer artístico, permitindo aos participantes desenvolverem habilidades técnicas diferentes e

expressivas. Essa vivência fortaleceu a relação dos estudantes com a arte, mostrando como a criatividade pode ser um instrumento para a comunicação e transformação pessoal e social.

A utilização de materiais que não fazem parte do cotidiano escolar com tanta frequência faz com que o processo artístico se torne mais desafiante, requerendo mais atenção e cuidado no manuseio dos instrumentos. Experimentando as diferentes formas de utilizar o mesmo material, como foi no desenvolvimento dos stencils e *graffitis*.

Através destas inferências observamos que a Arte-Educação ocupa um papel central na formação integral dos indivíduos, promovendo o desenvolvimento de competências sensíveis, críticas e criativas que vão além do domínio técnico. Ancorada na Cultura Visual e em reflexões sobre a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, a Arte-Educação oferece uma estrutura pedagógica sólida para a leitura, contextualização e criação artística. Essa abordagem permite aos estudantes compreenderem a arte em suas dimensões estética, histórica e social, conectando-a às suas experiências cotidianas e ao mundo ao seu redor.

A legislação brasileira reafirma a relevância do componente Arte como obrigatório nas escolas, conforme estabelecido pela LDB nº 9394/96, pela Base Nacional Comum Curricular e pela Proposta Curricular de São Luís. Esses documentos destacam que a arte não é apenas um complemento à educação, mas um campo essencial para a formação estética, ética e cultural dos estudantes.

A BNCC, em especial, aponta a importância de promover a sensibilidade e a expressão artística, enquanto a Proposta Curricular de São Luís contextualiza esses princípios na rica diversidade cultural da cidade, enfatizando a valorização do patrimônio e das manifestações artísticas locais.

Entretanto, a execução da pesquisa sobre Arte Urbana enquanto forma de acesso ao espaço público enfrentou desafios que evidenciam a complexidade de abordar esse tema em ambientes educacionais. Um dos principais entraves foi a falta de segurança no entorno da escola, que inviabilizou atividades práticas como intervenções urbanas no espaço da rua. Essa limitação não apenas restringiu a vivência direta dos alunos com o espaço urbano, mas também comprometeu a imersão e o engajamento prático necessários para a compreensão da Arte Urbana como linguagem, expressão social e apropriação estética.

Outro ponto crítico que emergiu nesse contexto foi a inadequação de parte das diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em relação à abordagem dos

conteúdos de Arte. A fragmentação dos conteúdos, prevista na BNCC, dificulta a construção de um ensino integrado e contextualizado, deixando pouco espaço para discussões mais amplas e interdisciplinares, como as que envolvem o impacto da Arte Urbana nos espaços públicos. Além disso, a falta de ênfase nas especificidades culturais e regionais torna o currículo padronizado e desconectado das realidades locais, especialmente em regiões com expressões artísticas ricas e únicas, como os grafites e murais que contam histórias de comunidades e periferias.

Ademais, a organização dos conteúdos de Arte na BNCC atribuindo um caráter polivalente em seu ensino reduz a profundidade das abordagens e a possibilidade de especialização. Isso reforça uma visão superficial das linguagens artísticas, dificultando a exploração de temas complexos, como a relação entre Arte Urbana e questões sociais. Nesse cenário, professores enfrentam o desafio de adaptar os conteúdos às demandas locais e aos interesses dos alunos, muitas vezes sem o suporte necessário para superar as lacunas deixadas pelo currículo nacional. Essas dificuldades apontam para a necessidade de repensar o Ensino de Arte, considerando não apenas as demandas pedagógicas, mas também as condições estruturais e a valorização das especificidades culturais e sociais.

Assim, conclui-se que a pesquisa desenvolvida contribuiu significativamente para a compreensão da Arte Urbana em sua dimensão sociocultural, política e pedagógica. Ao integrar teoria e prática, bem como ao promover o diálogo entre diferentes contextos e perspectivas, ela reforça a relevância da arte como elemento transformador no âmbito escolar e na sociedade, pois consegue dar visibilidade aos sujeitos que estão à margem do processo de apropriação cultural.

## REFERÊNCIAS

- AGUIRRE, Imanol. Cultura Visual, Política da Estética e Educação Emancipadora. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.) **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Editora UFSM, 2011, p. 69-111.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: geral e Brasil**. 3.ed. Revista e Ampliada. – São Paulo: Moderna, 2006.
- ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea: uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. Tradução Pier Luigi Cabra. – 5º ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005 – (coleção a).
- ARTISTAS maranhenses participam de exposição inédita no MAB-FAAP, em São Paulo. *Jornal O Imparcial*, São Luís, 10 de dezembro de 2024. Disponível em: <<http://www.gazetadoleste.com>>. Acesso 28 fev 2025.
- ASSEMBLAGE. **Museu Afrobrasil**. São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://online.museuafrobrasil.org.br/>> Acesso em 05 jun 2024
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- BARBOSA, Ana Mae Tavares. Cultura, Arte, Beleza e Educação. *In*: NUNES, Ana Luiza Rushel. **Artes Visuais, leitura de imagens e escola**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2012.
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: nos anos 1980 e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BAUER, I Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BERTHOLD MARGOT. **História Mundial do Teatro**. [tradução Maria Paula V. Zurawski, J. Guinsburg. Sérgio Coelho e Clóvis Garcia]. - São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. *Revista Brasileira de Educação*. [online]. 2002, n. 19, pp.20-28.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. **Educação é a base**. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em 20 out 2024.
- BRASIL. Lei nº 14.996, de 15 de outubro de 2024. Reconhece as expressões artísticas charge, caricatura, cartum e grafite como manifestações da cultura brasileira. *Diário Oficial da União* de 16/10/2024, pág. nº 2. Disponível em

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2023-2026/2024/lei/114996.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/114996.htm). Acesso em 20 nov 2024.

BULHÕES, Maria Amélia. **Arte Contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: C/Arte, 2019.

CANTON, Kátia. **Do Moderno ao Contemporâneo**. São Paulo. Editora Martins Fontes, 2009.

CARVALHO, Frederico Duarte Calmon. **Arte Urbana nas escolas**. Trabalho de conclusão de curso de Artes Visuais, habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Brasília, 2019. Disponível em: <https://bdm.unb.br/>. Acesso em 30 nov 2024.

CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins, 2005. Coleção todas as artes.

COSTA, Francisca da Silva. **MOVIMENTO GOROROBA: uma mostra da produção artística contemporânea maranhense**. São Luís, 2006. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/read/12469023/francisca-da-silva-costa-outros-t-empos-uema>>. Acesso em 24 mar 2024.

COUTINHO, Gleydson. **A arte do grafite na escola**. 1.ed. – Belém, PA: Editora Letras Periféricas, 2023.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Coleção Todas as Letras. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DUARTE JR, João Francisco. **Por que Arte-Educação?** 22ªed. – Campinas, SP: Papyrus, 2012. (Coleção Ágere).

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do Ensino de Arte: fundamentos e proposições**. 3. Ed. Ver. E ampli. – São Paulo: Cortez, 2018.

FERRO, Lígia; RAPOSO, Otávio; GONÇALVES, Renata de Sá. **Expressões artísticas: etnografia e criatividade em espaços atlânticos**. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2015.

HERNANDEZ, Fernando. A Cultura Visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. *In: Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos*. 2011, p. 31-49.

JUNIOR, Alberto. **COLETIVO LINHAS**. O Estado do Maranhão, de 10 de dezembro de 2016. Disponível em: <<https://medium.com/@albertojunior/coletivo-linhas-aab8a35842ea>>. Acesso em 05 jun 2024.

GUERCHE, Tatiana Palma. **A arte, o urbano e o social: um espaço de provocação.** Palíndromo, n°11, jan/jul. 2014. ISSN: 2175-2346. Disponível em <<https://www.revistas.udesc.br>> Acesso em 17 jan 2022.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti.** São Paulo: Brasiliense, 1999. – Coleção Primeiros Passos 312.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** – 8º Ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMBRICH, Ernst Hans. **A história da Arte.** Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

IMBROISI, Margaret. **Assemblagem.** 10 junho de 2016. Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/olho-vivo/atelie/assemblage/>>. Acesso em 05 jun 2024.

LDB: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** – 4. ed. – Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2020.

MARINHO, Walkir. Arte e Cultura - Artistas maranhenses participam da mostra Dos Brasis. Blog Hora Extra, São Luís, 26 de julho de 2023. Disponível em: <<http://www.horaextra.slz.br>>. Acesso em 28 fev 2025.

MARTINS, Evarista Barbosa Guimarães. **Café com arte contemporânea: tramas e poéticas para as artes visuais no ensino médio.** Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Rede - Prof-Artes em Rede Nacional/CCH, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2020.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação.** 30.ed. – Petrópolis, Vozes, 2014.

PALLAMIN, Vera. **Arte, Cultura e Cidade – aspecto estético-políticos contemporâneos.** São Paulo, Annablume, 2015. ISBN 978-85-391-0749-0.

PAPIER COLLÈ. In: **Glossário de Técnicas Artísticas.** Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em:<<https://www.ufrgs.br/napead/projetos/glossario-tecnicas-artisticas/colagem.php>>. Acesso em 05 jun 2024.

PARANGOLÉS, 1964-1979. © 2024 Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Disponível em :<<https://mam.rio/obras-de-arte/parangoles-1964-1979>>. Acesso em 05 jun 2024.

PETRY, Mila. **ROMILDO ROCHA.** Disponível em: <https://www.milapetry.com.br/blog/romildo-rocha>. Acesso em 10 jun 2024.

POSSA, Andrea Christine Kauer; BLAUTA, Ludi. **Grafite: cultura, arte urbana e espaço público.** Revista Práxis, 2013. pp. 53-62. ISSN: 1807-1112. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo>>. Acesso em 7 jan 2022.

RANCIÈRE, Jacques. O destino das imagens. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

RANGEL, Juliana. **Conheça a Vida e Obra de Banksy: o misterioso artista da street art. o Misterioso Artista da Street Art.** 2023. Disponível em: <https://clickmuseus.com.br/conheca-a-vida-e-obra-de-banksy-o-misterioso-artista-d-a-street-art/>. Acesso em 05 junho 2024.

READY-MADE. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira.** São Paulo: Itaú Cultural, 2015. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5370/ready-made>>. Acesso em 05 junho 2024. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

SÃO LUÍS. Secretaria Municipal de Educação. **Proposta curricular de educação infantil e ensino fundamental da rede pública de São Luís/MA.** São Luís, MA: SEMED, 2023.

SILVA, Armando. **Atmosferas urbanas: grafite, arte pública, nichos estéticos.** Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. – São Paulo: Edição Sesc, 2014.

SILVA, Rafaela dos Santos. **O PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES E PROFESSORAS DO ENSINO DE ARTE DA REDE PÚBLICA DE SÃO LUÍS/MA.** Monografia (Especialização) - Metodologia do Ensino Superior, Universidade Federal do Maranhão, São Luís/MA, 2023.

SOL. Geraldina Vicente; SÁ, Nelson Pereira de; FERREIRA, Valdivina Alves. **A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO ESCOLA, FAMÍLIA E COMUNIDADE.** Publ. UEPG Appl. Soc. Sci., Ponta Grossa, 29: 1-16, e202117080, 2021 Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/sociais>. Acesso em 10 jan 2025.

VEIGA, Cynthia Greive. Educação estética para o povo. In: LOPES, Eliana Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Mendes Greive. (orgs.). **500 anos de educação no Brasil.** 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 606 p.

VESCH, Benjamin. Ano: 2019. Disponível em: <https://etimologia.com.br/espaco-rural-urbano/>> Acesso em 08 jun 2024.

**Vídeo mapping, a luz que converte os edifícios em arte.** © 2024. Disponível em: <https://www.iberdrola.com/cultural/videomapping-arte> Acesso em 30 abr 2024.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM REDE NACIONAL DE ARTE  
(PROFARTES)  
PESQUISADORA: PROFª. RAFAELA DOS SANTOS SILVA  
ORIENTADOR: PROF. DR. REINALDO PORTAL DOMINGO



O presente questionário faz parte da pesquisa de Dissertação de Mestrado intitulada “Narrativas Urbanas: uma experiência estética a partir de técnicas de Artes Visuais com alunos/as da UEB Roseno de Jesus Mendes em São Luís/Ma. Tendo como objetivo fornecer uma base sólida de dados empíricos que apoiem a análise e a discussão sobre o papel da Arte Urbana na escola. Através das respostas coletadas, espera-se obter uma visão abrangente e aprofundada que contribuirá significativamente para a pesquisa em questão. Por isso, contamos com sua participação.

### BLOCO 1: PERFIL DOS PARTICIPANTES E CONHECIMENTO ARTÍSTICO:

#### 1. Sobre seu perfil responda:

##### IDADE:

- 12 anos
- 13 anos
- 14 anos
- 15 anos
- 16 anos

##### SEXO:

- Feminino
- Masculino

#### 2. Em uma escala de 1 a 10 como você avalia seus conhecimentos sobre Arte? Sendo que de 1-4 (insuficiente), 5-6 (regular), 7-8 (bom), 9 (ótimo) e 10 (excelente).

- |                         |                          |
|-------------------------|--------------------------|
| <input type="radio"/> 1 | <input type="radio"/> 6  |
| <input type="radio"/> 2 | <input type="radio"/> 7  |
| <input type="radio"/> 3 | <input type="radio"/> 8  |
| <input type="radio"/> 4 | <input type="radio"/> 9  |
| <input type="radio"/> 5 | <input type="radio"/> 10 |

#### 3. Na sua opinião em que espaços podemos encontrar Arte:

- Museus
- Galerias de
- Muros das cidades

- Teatro
- Outro \_\_\_\_\_

**4. Você conhece algum artista de rua?**

- SIM
- NÃO

**5. Você já participou ou participa de atividades que envolvam Arte?**

- NÃO
- SIM. Quais: \_\_\_\_\_

**BLOCO 2: A RESPEITO DA ARTE URBANA**

**1. A arte urbana é geralmente feita em:**

- Espaços públicos
- Espaços privados
- Outros \_\_\_\_\_

**2. O grafite é uma forma de arte urbana que utiliza principalmente:**

- Tintas em spray
- Lápis de cor
- Tinta à óleo
- Aquarela
- Outros \_\_\_\_\_

**3. A arte urbana é mais comum em:**

- Áreas rurais
- Centros urbanos

**4. Na sua opinião a Arte Urbana é considerada:**

- Vandalismo
- Expressão artística

**5. Você já viu algum Grafite?**

- SIM
- NÃO

**6. Na sua opinião qual a diferença entre Pichação e Grafite?**

---

---

---

**APÊNDICE B: PROCESSO REFLEXIVO A PARTIR DA OFICINA DE GRAFITAGEM**

1) Como você descreveria sua primeira experiência com a técnica de grafiteagem? Foi fácil ou desafiadora?

---

—

2) O que você aprendeu sobre a história do grafite durante a oficina?

---

—

3) Qual foi a parte mais interessante ou divertida da oficina para você? Por quê?

---

---

—

4) Como a grafiteagem pode ser usada como forma de expressão artística e social, na sua opinião?

---

---

—

5) Você conseguiu aplicar suas ideias e criatividade nas atividades propostas? O que você criou?

---

---

—

6) O que você achou do processo de usar os materiais específicos da grafiteagem, como spray de tinta?

---

---

—

7) A oficina mudou sua percepção sobre o grafite enquanto arte urbana? Se sim, como?

---

—

8) Como você se sentiu ao colaborar com seus colegas em atividades práticas durante a oficina?

---

—

9) Você acha que a grafiteagem pode ser uma ferramenta importante na Educação? Por quê?

---

---

---

10) Como a experiência da oficina impactou sua visão sobre o uso do espaço público para intervenções artísticas?

**ANEXOS**

## ANEXO A: SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA ACADÊMICO-CIENTÍFICA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES/PROFARTES



### SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA ACADÊMICO-CIENTÍFICA

Prezado(a) Senhor(a),  
Maria do Socorro Abreu

Solicitamos autorização para realização de uma pesquisa integrante do Trabalho de Conclusão de Curso, modalidade Dissertação, da acadêmica: Rafaela dos Santos Silva, orientada pelo Professor Doutor Reinaldo Portal Domingo, tendo como título **Arte Urbana e Técnicas Visuais: enriquecendo a experiência estética na UEB 1º de Maio em São Luís/MA**

O Objetivo Geral da pesquisa é: Analisar práticas de ensino que abordem sobre a Arte Urbana no contexto da Unidade de Ensino Básico 1º de Maio, da Rede Pública Municipal de São Luís, explorando diferentes técnicas de Artes Visuais, como ferramenta de inserção sociocultural para os educandos”.

Os objetivos específicos são: Realizar estudos bibliográficos sobre o processo de construção da Arte Contemporânea e sua relação com a Arte Urbana, buscando compreender sua importância sociopolítica e artística. Perceber como o espaço urbano ao redor da escola é ocupado tanto pela comunidade local quanto pela escolar, estabelecendo um diálogo sobre sua ação sociocultural e política. Refletir sobre a Arte Urbana no contexto do espaço escolar propondo uma análise a partir do trabalho de diferentes artistas maranhenses. Experimentar diferentes técnicas em Arte Visuais trabalhadas na Arte Urbana, observando as diferentes possibilidades do fazer artístico.

A coleta de dados será feita por meio de questionários a serem aplicados com estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, bem como a participação em uma oficina de Grafiteagem com artista maranhense, com uso do espaço escolar.

Salientamos que todos os dados e informações necessárias para a pesquisa serão previamente submetidos à aprovação do responsável pelo(a) aluno(a) concedente.

A presente atividade é requisito para a conclusão do **Mestrado Profissional em Artes, da Universidade Federal do Maranhão.**

Agradecemos a atenção e nos colocamos ao inteiro dispor para melhores esclarecimentos.

São Luís, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.

---

---

Acadêmica

Professor Orientador

Deferido ( )      ( ) Com anonimato      ( ) Sem anonimato      Indeferido ( )

---

## ANEXO B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado(a) Responsável,

Nós, Prof. Dr. Reinaldo Portal Domingo e a professora Rafaela dos Santos Silva, convidamos seu filho(a) a participar da pesquisa intitulada **Arte Urbana e Técnicas Visuais: enriquecendo a experiência estética na UEB 1º de Maio em São Luís/MA.**

Esta pesquisa tem como objetivo analisar práticas de ensino que abordem sobre a Arte Urbana no contexto da Unidade de Ensino Básico 1º de Maio, da Rede Pública Municipal de São Luís, explorando diferentes técnicas de Artes Visuais, como ferramenta de inserção sociocultural para os educandos.

Nesta pesquisa os participantes irão:

- ✓ Conhecer sobre Arte Urbana.
- ✓ Responder questionário sobre o tema Arte Urbana.
- ✓ Participar de oficina prática com um artista do Grafite de São Luís/MA.

Torna-se necessário esclarecer que apesar de todos os cuidados tomados para garantir a segurança dos alunos, é importante esclarecer os possíveis riscos da atividade, incluindo:

- **Inalação de tinta em spray:** Apesar do uso de máscaras de proteção, existe o risco de inalação acidental dos produtos químicos presentes nos sprays.
- **Reações alérgicas:** Alguns alunos podem ser sensíveis a substâncias químicas presentes nas tintas. Em caso de histórico de alergia, pedimos que nos informe previamente.
- **Manuseio de materiais:** Existe o risco de lesões leves (cortes ou escoriações) ao manusear os materiais utilizados durante a atividade.
- **Contato com tintas:** Apesar do uso de roupas de proteção, há a possibilidade de contato acidental com a tinta, resultando em manchas nas roupas ou pele.

As atividades serão realizadas sob a supervisão da professora pesquisadora. E os alunos terão à disposição todo material de proteção como máscaras, luvas e outros equipamentos necessários, sem nenhum custo financeiro para os mesmos.

#### **Benefícios da Atividade:**

A prática de Grafiteagem proporciona benefícios como o desenvolvimento de habilidades motoras, expressão artística, senso de cidadania, valorização e pertencimento ao ambiente urbano. É uma oportunidade para que os alunos explorem formas de Arte Contemporâneas, ampliando seus horizontes culturais.

#### **Confidencialidade:**

As informações pessoais dos participantes serão tratadas de forma confidencial. Imagens e registros da atividade poderão ser utilizados pelos pesquisadores para fins educativos e de divulgação da pesquisa, desde que autorizados pelos responsáveis.

Eu, \_\_\_\_\_  
 responsável pelo(a) aluno(a) \_\_\_\_\_,  
 autorizo a participação do(a) mesmo(a) na atividade de Grafiteagem, conforme descrito

acima. Estou ciente dos riscos e benefícios envolvidos e dou meu consentimento de forma livre e esclarecida.

Assinatura

do(a)

responsável:

---

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**Contato para Esclarecimentos:**

Em caso de dúvidas ou necessidade de mais informações, estamos à disposição através do telefone 988550472 ou e-mail [rafaela.ss@discente.ufma.br](mailto:rafaela.ss@discente.ufma.br)

Agradecemos sua colaboração!

Atenciosamente,  
Professor Dr. Portal Domingo  
Professora Rafaela dos Santos Silva